

FUNDAÇÃO
ULYSSES
GUIMARÃES



CASTRO ALVES

A política em poesia

O PENSAMENTO
POLÍTICO **BRASILEIRO**

2ª EDIÇÃO

BRASÍLIA
Fundação Ulysses Guimarães

2012



Editora

Fundação Ulysses Guimarães

Coordenação

Eliseu Lemos Padilha

Organização

Elisiane da Silva

Gervásio Rodrigo Neves

Liana Bach Martins

Arte e diagramação

Riciély Soares

Tayana Moritz Tomazoni

Revisão

Jolie de Castro Coelho

Revisão de texto

Tayana Moritz Tomazoni

Colaboração

Prof. dra. Consuelo Pondé de Sena

Prof. dr. Aramis Ribeiro Costa

C355 Castro Alves: a política em poesia / Organizado por: Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. – Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2012. (Coleção O Pensamento Político Brasileiro; v.2).

173 p.

ISBN 978-85-64206-03-8 (Coleção completa)

ISBN 978-85-64206-05-2

1. Política : Brasil. 2. Castro Alves. I. Silva, Elisiane da. II. Neves, Gervásio Rodrigo. III. Martins, Liana Bach. IV. Fundação Ulysses Guimarães. V. Título.

CDU 32 (81)

Agradecimentos

Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

Prof. dra. Consuelo Pondé de Sena

Academia de Letras da Bahia

Prof. dr. Aramis Ribeiro Costa

Prof. dr. Edivaldo M. Boaventura



Palavra do presidente da Fundação

Na coletânea o Pensamento Político Brasileiro, da qual este livro é um volume, reunimos algumas ideias de quinze personalidades que contribuíram para a composição do cenário político nacional, a partir de sua época. Com esta iniciativa, a Fundação Ulysses Guimarães está levando ao conhecimento de todos os brasileiros ideias e posições que possam ampliar seus horizontes, que possam melhor fazê-los compreender suas origens, e, também, que lhes possibilitem projetar o amanhã.

Reproduzimos textos originais de cada autor para que, à luz das opiniões por eles lançadas, o leitor possa contraditá-las ou as acolher, aumentando assim a disponibilidade de massa crítica para o amparo da trajetória daquele que procura o esclarecimento.

Este volume, intitulado *Castro Alves: a política em poesia*, o segundo da coleção, traz deste autor, os poemas *O livro e a América*, *Ahasverus e o gênio*, *Ode ao dous de julho* e *Pedro Ivo*, da obra *Espumas Flutuantes*, a única publicada pelo poeta em vida. A obra *Os escravos*, publicada doze anos após a sua morte, de cunho antiescravagista, também é reproduzida aqui em sua totalidade. Seleccionamos e trazemos ainda nove textos publicados em folhetos, e declamados na mocidade de Castro Alves.

Trata-se de um poeta que fez das suas linhas e de seus versos a expressão dos anseios do povo brasileiro. Um jovem que sentia o pulsar de sua terra, que devotou, com entusiasmo, sua criatividade às causas da liberdade e da justiça. Um defensor da abolição da escravatura. Soube fazer da metáfora seu escudo e sua arma. Conseguiu fazer política por meio da poesia. Poetizou a política quando disse em *Povo ao Poder* “a praça, a praça é do povo, como o céu é do condor”.

Façamos como Castro Alves e vamos mostrar que a política pode ser poética.

Boa leitura.

Eliseu Padilha
Presidente da Fundação Ulysses Guimarães



APRESENTAÇÃO

Antônio de Castro Alves, nascido a 14 de março de 1847, na Fazenda Cabaças (BA), continua a ser cultuado em todo o País graças ao seu engajamento com as lutas em favor da liberdade e da justiça social.

O poeta baiano procedia de uma família que oferecera combatentes para a campanha da Independência na Bahia (1823) e da Sabinada (1837). Fez cursos acadêmicos no Recife e em São Paulo, dois grandes centros de ebulição das forças democráticas do país, onde deixou marcante trajetória de poeta voltado para as causas libertárias.

Gilberto Amado assinalou, com pertinência, que “Castro Alves foi o mais belo instante do Brasil”, associando-o aos fecundos anos da experiência libertária do século em que o Poeta nasceu e morreu.

Jamais outro poeta ou escritor brasileiro esteve tão comprometido com as aspirações do povo, e tão presente na vida social e política do Brasil, apesar de ter desaparecido, aos 24 anos de idade, no dia 6 de julho de 1871.

A permanência da sua mensagem decorre do fato de Castro Alves ter traduzido, com genialidade, os anseios mais legítimos da nossa gente, os sonhos de todos os povos que se nutriram nos ideais defendidos pela Revolução Francesa. É um poeta atemporal, cujas mensagens continuam atuais, pois se constituem em aspirações permanentes da humanidade.

Antônio de Castro Alves era um ser carismático. Era de vê-lo esguio e pálido, belo e elegante, cabeleira basta, negra e sedosa jogada para trás, olhos igualmente negros e brilhantes, sempre vestido de negro, a impressionar as multidões por onde passava: na Faculdade de Direito, nos palcos dos Teatros Santa Isabel, no Recife, São João na Bahia, no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde cursou Direito.

Encantava as assistências da Bahia, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo com seus versos arrebatados, harmoniosos e emocionais. Matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife em 1864, passando, com alguns colegas, a redigir o jornal *O Futuro*. Data desse ano o poema *Tísico*, depois mudado para *Mocidade e Morte*, já sob impressão do mesmo mal que morrera D. Clélia Brasília, sua mãe. No Recife, envolveu-se, em 1864, num comício republicano, logo dissolvido pela polícia. Organizara-o um dos cabeças da Revolução Praieira, Antonio Borges da Fonseca, republicano cheio de ideias e ideais. O estudante baiano contava apenas 17 anos e, naquele episódio, inaugurava sua trajetória política. Em 1865, declama *O Século*, na Faculdade de Direito do Recife, versos em que condenava as tiranias, defendia as conquistas populares, lutava pela liberdade de imprensa e da palavra. Nesse mesmo ano, escreve *Visão dos Mortos*, relacionando os grandes vultos do passado nacional à sorte dos escravos, a exemplo do que fez em o Navio Negreiro, ao invocar José Bonifácio: “E o grande Andrada, esse arquiteto ousado/ que amassa um povo na robusta mão.” Aos 18 anos, também em 1865, avalia a verdadeira dimensão histórica de Tiradentes. Daí, no poema *Visão dos Mortos* tê-lo concebido segurando pelos cabelos a cabeça: “que rola sangue, que espadana estrelas“, para mais tarde, em 1867, no drama *Gonzaga* consagrá-lo como o mais consciente, o mais corajoso, o mais verdadeiro dos inconfidentes: “Ei-lo, o gigante da praça/o Cristo da multidão!/É Tiradentes quem passa/deixem passar o Titão”.

Tendo perdido o ano, porque viajara para a Bahia em outubro e somara oito ou dez faltas não abonadas pelos mestres, retornou no ano seguinte a Recife, alcançando grande sucesso com a recitação e publicação dos poemas: *O Século*, *Pedro Ivo*, *Visão dos Mortos*, *Adeus, meu canto*.

Apesar da saúde comprometida, começa a preparar o livro *Os Escravos*. Em agosto daquele ano alista-se, com outros estudantes, no Batalhão de Voluntários, para a Guerra do

Paraguai. Aprovado no primeiro ano do curso jurídico, volta à Bahia, acompanhado do poeta Fagundes Varela, de quem se tornara amigo. Durante as férias, a 24 de janeiro de 1866, morre-lhe o pai, o ilustre professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Dr. José Antônio Alves. Compõe Hebreia ao retornar a Recife, e, em março do mesmo ano, funda, em companhia de Rui Barbosa, João Batista Regueira Costa, Plínio de Lima e outros, uma sociedade abolicionista, ao mesmo tempo em que lança o jornal *A Luz*. Nas páginas desse periódico teve origem sua polêmica com Tobias Barreto. É quando passa a viver com a atriz portuguesa Eugênia Câmara, paixão da sua vida. Distingue-se nos estudos, respondendo aos lentes sobre o Poder Temporal do Papa e a Divisão de Poderes. Em companhia da mulher amada, começa a escrever o drama *Gonzaga ou a Revolução de Minas*.

Vem a Salvador com Eugênia Câmara para apresentar *O Gonzaga*. Na capital baiana, Eugênia recita *O Livro e a América* e, em outubro, em benefício das famílias dos soldados falecidos na Guerra do Paraguai, a atriz declama: *Quem dá aos pobres, empresta a Deus*, de autoria do seu amado poeta.

A peça *O Gonzaga* é muitas vezes representada no São João, sob vibrante aclamação dos conterrâneos de Castro Alves que o idolatravam, tendo sido várias vezes por eles carregado, nos finais das suas apresentações.

Decide, porém, transferir-se para o Sul do País, passando, em fevereiro, rapidamente pelo Rio de Janeiro, para aonde leva carta de apresentação do senador Fernandes da Cunha ao escritor José de Alencar, a quem apresenta seu drama. Por intermédio do romancista cearense, conhece Machado de Assis, que também aprova suas produções literárias. Ainda no Rio, recebe um banquete promovido por Emílio Augusto Zaluar. Na oportunidade, declama de uma sacada do Diário, à Rua do Ouvidor, o poema *Pesadelo de Humaitá*. Diante de si, uma multidão vibrante festejava a vitória dos soldados brasileiros e aplaudia o poeta da Bahia.

Em março de 1868 já se encontra em São Paulo, onde se matricula no terceiro ano de Direito. É quando então escreve *Vozes d'África, O Navio Negreiro, Boa Noite, Adormecida, Ahasverus e o Gênio, Ode ao Dois de Julho* e outras poesias. Mais uma vez, funda um jornal com os estudantes e assiste seu drama *Gonzaga* ser levado à cena pelos mais consagrados autores da época. Já era conhecido e apreciado naquela época. Quando recitava, prendia a atenção de todos com sua figura impressionante, a voz máscula e forte que todos admiravam. Na capital paulista declamou a *Ode ao Dois de Julho*, em homenagem à luta pela consolidação da independência, travada nos campos baianos. Escreveu dois poemas dedicados à maior data da Bahia. O primeiro, *Recife*, em 1864, declamado no Teatro São João), e intitulado *Ao Dia Dois de Julho*. O segundo, feito em São Paulo e lá recitado:

*Era no Dois de Julho/ a pugna imensa travara-se nos céus
da Bahia/Um, anjopálido cozia vasta mortalha em Pirajá/Naquele
pedaço de roto do infinito*

.....

Foi poeta de inspiração lírica até 1863, quando, em nova fase da vida, passou, ao compor *A Canção do Africano*, incorporando-se à ação abolicionista, quando escreve *O povo ao Poder*, lançando concepção libertária:

*A praça. A praça é do povo.
Como o céu é do condor.*

A partir de 1864 incorpora feição mais combativa, assumindo papel de propagandista das ideias progressistas e arauto da abolição da escravatura. Usava a tribuna para propagar os ideais de liberdade, igualdade, fraternidade e progresso. Por isso, tornou-se porta-voz das ideias novas e reformadoras, das transformações que se haviam produzido na Europa e, vinham, pouco a pouco, sendo divulgadas em nosso meio.

Enfermo do “mal do século”, escreveu *Mocidade e Morte*, poema em que antevê seu breve desaparecimento. Foi um

representante fiel dos anseios da juventude do seu tempo, pleno de brasilidade, sempre voltado para o porvir, sendo, até os nossos dias, cento e quarenta anos após a sua morte, o mais lido e popular de todos nossos poetas.

No seu drama *Gonzaga e a Revolução de Minas* deixa implodirem seus anseios de abolição da escravatura e de conquista da República. São versos para os moços, para os que virão mais tarde e terão nos seus versos candentes o farol a lhes iluminar as lutas em prol da liberdade...

Apenas três meses antes do seu desaparecimento foi fundada a Sociedade Abolicionista Sete de Setembro. A pedido desta associação escreveu uma *Carta às Senhoras Baianas*, solicitando donativos para custear a libertação dos escravos. Esse documento foi publicado no quinzenário jornal *Abolicionista*, de Ferreira de Araujo e Augusto Guimarães (1871). Eis um trecho dessa carta: “As ondas hiantes do século já apagaram ao longo das duas Américas todas as instituições democráticas escravocratas. O dilúvio da abolição veio lavar os continentes para as novas gerações. Só em torno desta terra brasileira é que roem as vagas a base do último rochedo que obriga as coisas que não de morrer”.

Por isso, fez política por meio da poesia, com a qual combateu a tirania e o arbítrio e lutou ardorosamente pela liberdade.

Salvador, 25 de abril de 2011.

Consuelo Pondé de Sena

Presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), membro da Academia de Letras da Bahia e da Academia Portuguesa da História



SUMÁRIO

Palavra do presidente da Fundação.....	7
Apresentação.....	9
Prefácio.....	17
I – Cronologia da época.....	27
II – Cronologia de Castro Alves.....	31
III – Pensamento de Castro Alves.....	35
III. 1 – Da obra Espumas Flutuantes.....	37
Ao dous de julho.....	38
O livro e a América.....	41
Ahasverus e o gênio.....	45
Pedro Ivo.....	47
III. 2 – Da obra Os Escravos.....	56
A bainha do punhal.....	57
A canção do africano.....	58
A criança.....	60
A cruz da estrada.....	61
A mãe do cativo.....	62
A órfã na sepultura.....	65
A visão dos mortos.....	69
Adeus, meu canto.....	71
América.....	78
Antítese.....	80
Ao romper d'alva.....	82
Bandido negro.....	85
Canção do violeiro.....	88
Confidência.....	90
Estrofes do solidário.....	94
Fábula – o pássaro e a flor.....	97
Frades.....	100
Jesuítas e frades.....	101
Lúcia.....	103
Manuela (cantiga do rancho).....	107

Mater dolorosa.....	112
O canto de Bug Jargal.....	114
O derradeiro amor de Byron.....	116
O navio negreiro (tragédia no mar).....	118
O século.....	127
O sibarita romano.....	132
O sol e o povo.....	134
O vidente.....	135
Prometeu.....	139
Remorso.....	141
Saudação a Palmares.....	143
Súplica.....	155
Tragédia do lar.....	147
Vozes d'África.....	155
III. 3 – Sem obra de referência.....	161
Ao dia sete de setembro.....	162
Aos estudantes voluntários.....	164
A Senzala.....	166
Sangue africano.....	168
O povo ao poder.....	169
A Eugênia Câmara.....	172
Pesadelo de Humaitá.....	173
A cachoeira.....	175
No meeting du comité du pain.....	177
Bibliografia.....	181

PREFÁCIO

A poesia de Castro Alves pode ser vista em duas manifestações. A primeira é a social, política e épica, evocando feitos, como o Dois de Julho, data da independência do Brasil, na Bahia. É o poeta da liberdade. A segunda é a lírica amorosa. É o poeta do amor.

É importante associar a política à biografia para o aprofundamento maior da poética de Castro Alves. Mas antes vamos com o Poeta e sua família de Cabaceiras do Paraguaçu até chegarmos a Salvador. É o ciclo da infância e adolescência. E Salvador da vida de Castro Alves é a rua do Rosário, do Paço, da Boa Vista, do Pelourinho, do Sodré é o Colégio Sebrão, o Ginásio Baiano, o Teatro São João.

Mas a Bahia que o glorifica é outra, pontilhada fisicamente da sua presença. O Poeta denomina uma importante praça. Denomina-a e a domina do alto de sua estátua, lembrando sempre que *A Praça! A praça é do povo/Como o céu é do condor*. Parece ser um poeta de comício, como notou Carlos Nejar. É a definição de praça mais democrática e mais poética que conheço. Ao inaugurar essa estátua, nas comemorações do centenário da Independência do Brasil, na Bahia, em 1923, todos esperavam o grande discurso do governador J. J. Seabra, mas o político republicano, num gesto inesperado e arrebatador, recitou de cor a *Ode ao Dous de Julho*.

Depois da estátua, veio o teatro, que para ele era uma tribuna, na Praça Dois de Julho. Dois de Julho tão presente na sua poesia, mereceu versos:

*É a hora das epopeias,
Das ilíadas reais.*

Seus poemas são um canto eloquente à liberdade que para ele se configura no futuro. Essa é uma das suas ideias-forças:

Era o porvir – em frente do passado
A Liberdade – em frente à escravidão.

Para que se concretize no porvir, ele a associa à ideia de noivado e de casamento:

Eras tu – liberdade peregrina!
Esposa do porvir – noiva do sol.

O passado que projeta o futuro no instante diminuto do presente que passa. Castro Alves confia no futuro. É o porvir que contava para ele.

Embora baiano do Recôncavo, o que se reflete de modo cristalino na poesia social e épica — neto de um dos heróis da guerra da Independência, o lendário e intrépido Periquitão, e filho de professor da Faculdade de Medicina — é o fato de o poeta também ter-se revelado um homem do sertão, em versos de grande força telúrica, como aquele onomatopaico: *O estampido estupendo das queimadas.*

Chega ao Recife, em 1862, e lá permanecerá até 1867. É o momento de sua formação política e social. É a fase hugoana com influência de Lamartine e Musset, como bem mostrou Cláudio Veiga estudando *A presença francesa em Castro Alves*. São seus companheiros Luiz Cornélio dos Santos, talvez o maior dos amigos e quem melhor, fisicamente, o descreveu, Vitoriano Palhares, Alves Carvalhal, Ruy, Regueira Costa, Maciel Pinheiro, o “peregrino audaz”, Augusto Álvares Guimarães, Aristides Milton e Alfredo de Carvalho, que o recordaria mais tarde em *Estudos Pernambucanos*.

No início, mora com a misteriosa Idalina, na rua do Lima. Depois, já em companhia de Eugênia Câmara, no bairro do Barro, escreve *O Gonzaga*:

*E a casa branca na beira do caminho
era o asilo do amor e da poesia.*

Regressa à pátria de Moema em 1867, a tempo de participar dos festejos do Dois de Julho e de encenar o drama político *Gonzaga ou a Revolução de Minas*. Volta à Boa Vista para as recordações maternas: *Eu não quero lauréis, quero as rosas da infância*.

Passa pela Corte em 1868. Encontra-se com Alencar e Machado. Daí as cartas famosas sobre o vate baiano. O momento histórico era beligerante com a Guerra do Paraguai, que lhe inspira *Pesadelo de Humaitá*.

O ano de 1868 ser-lhe-ia definitivamente consagrador, em São Paulo. Obteve os maiores sucessos, com *O navio negreiro*, *Vozes d'África*, *A mãe do cativo*, *Lúcia*, *O vidente*, *Canção do boêmio*, *Ode ao Dois de Julho*, *O laço de fita*, *Boa noite*. Nas arcadas é colega de Ruy, Nabuco, Ramos da Costa e amigo dos professores, principalmente de José Bonifácio.

Ribeiro Neto nos conduz Castro Alves em São Paulo, como também Vicente de Azevedo em *O poeta da liberdade* e Norlândio Meireles de Almeida inversamente mostrará a São Paulo de Castro Alves. É possível ver os vestígios do Hotel d'Itália, na rua direita com a de São Bento. Escutar os gaúchos na Riachuelo, baianos, como Ruy, à rua da Glória; mas além, no Braz... gemidos; na rua do Imperador, os curativos com o Dr. Lopes dos Anjos, e afinal, no beco dos mosquitos, perto da Sé, a longa espera da cura, a dolorosa espera... e o conforto do Padre Chico, isto é, Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, e a visita constante dos amigos Aureliano Coutinho, Carlos Ferreira e, principalmente, Brasília Machado, o amigo enfermeiro.

No retorno ao Rio, ficou... *com menos matéria que o resto da humanidade*. A volta da *primavera* marca o seu restabelecimento.

Regressa definitiva e silenciosamente com a esperança de repousar em sua terra, em novembro de 1869, e segue para Curalinho, adentra-se mais pelo sertão até o Rosário do Orobó. É o reencontro com a terra, com o rio e com o amor.

Desse amor com a infeliz serrana é a importante produção lírica dos últimos tempos de vida, como *Aves de arribação*, *O hóspede*, *Fé*, *Esperança* e *Caridade*, *Os perfumes* ... invólucro invisível...

Vem à estampa o único livro publicado em vida, *Espumas Flutuantes*. Declama na Associação Comercial em favor dos franceses vítimas da guerra franco-prussiana, escreve *Cartas às Senhoras Baianas*, faz o último passeio à Barra com o difícil e longínquo amor de Agnese Murri e desaparece em 6 de julho de 1871...

Sem incluir a produção juvenil, é possível que as primeiras poesias fossem escritas a partir de 1863 ou 1864, veja-se *Mocidade* e *Morte*, por exemplo. Começou a carreira literária, portanto, dos 16 para os 17 anos, encerrando-a pela morte aos 24 incompletos.

Deixando apenas um livro publicado, o trabalho de sua irmã predileta, Adelaide, juntamente com o marido, Augusto Álvares Guimarães, jornalista e político eminente, amigo do Poeta e um dos seus primeiros biógrafos, foi o de recolher os inéditos e dispersos para editar a obra. *O Gonzaga ou a Revolução de Minas* sai em 1875; *A Cachoeira de Paulo Afonso*, em 1876; *Vozes d'África*, em 1880; *Os escravos*, em 1883. Surgem, pela mesma época, os depoimentos de colegas e amigos, como o de Joaquim Nabuco, em 1873. Já no decenário de sua morte, Ruy faz o Elogio e vem a público a discussão literária sobre sua poesia com Belarmino Barreto à frente. Ainda em 1881, consta que Carlos Gomes compôs um hino em sua homenagem.

Destacada é a contribuição de Múcio Teixeira para o conhecimento da obra. Já na edição de *Os escravos* apresenta um esboço biográfico. Em 1896, publica *Vida e obra de Castro Alves*, considerada como a primeira biografia de folego. E a primeira tentativa de reunião das poesias aparece em 1898, pelo gramático M. Said Ali.

Com a fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1896, Valentin Magalhães o escolhe para patrono da cadeira número 7. Sistematizam-se os estudos sobre sua obra e seu enquadramento na última fase do romantismo brasileiro em trabalhos de história ou de interpretação da literatura, como em Sílvio Romero e José Veríssimo, ou em conferências e artigos como a palestra de Euclides da Cunha. Todavia, o empreendimento mais notável é o de Afrânio Peixoto, que desde 1914, pelo menos, enceta os seus estudos *castroalvinos*. Observa Fernando Salles, no prefácio da quinta edição de *Castro Alves, o poeta e o poema*, que o autor de *Bugrinha* repararia a falta cometida com o patrono de sua cadeira no discurso de posse na Academia, pois, dirigiu-se ao poeta uma única vez e ocupou-se quase exclusivamente de Euclides da Cunha. O certo é que a partir de então, o Poeta passa a ocupar um lugar de destaque na bibliografia *afraniana*. São mais de trinta trabalhos e edições. Nas comemorações do cinquentenário, em 1921, saem, enfim, as *Obras completas de Castro Alves*, pela Francisco Alves. Segundo Afrânio, a obra se compõe “de todos os seus inéditos, na forma definitiva, restituídos à versão autêntica...”. E faz alterações em alguns versos... Não obstante, um ano antes, Alfredo Mariano de Oliveira fizera pela H. Antunes uma edição das obras completas. Ainda em 1921, Afrânio Peixoto e Constâncio Alves produzem uma Antologia Brasileira de Castro Alves, sob os auspícios do Ministério da Instrução Pública de Portugal.

Um ano antes, porém, Homero Pires, ainda na Bahia, principia a se ocupar do poeta e edita *Poesias*, em 1913. Por ocasião do centenário de nascimento, em 1947, organiza a coleção das Poesias Escolhidas, editadas pelo Ministério da Educação e Saúde, colaborando expressivamente para a Exposição Castro Alves, cujo livro ilustrado só sairia depois em 1958.

Esta revisão de literatura não estaria completa se não referenciasse um outro autor que iria se ocupar longamente de Castro Alves. É Pedro Calmon com *Vida e amores de Castro Alves*, publicada pela *A Noite*, em 1935, que edita *História de Castro Alves*, em 1947, até alcançar Castro Alves, o homem e a obra, em 1973, rica de informações e atualizações.

As comemorações do centenário de nascimento vão estimular novos estudos e edições, como a biografia em três volumes de Lopes Rodrigues, Alexandre Passos, Arquimino Ornelas, Fernando Segismundo, Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro Neto, Waldemar Matos, Agripino Grieco e Jamil Almansur Haddad, que trabalha numa série de publicações com revisões e seleções de poemas, como a apreciável edição dos poemas de amor, anterior ao centenário. Típico é o livro de Leitão de Barros, *Como eu vi Castro Alves e Eugênia Câmara no vendaval maravilhoso de suas vidas*, que historia o filme português sobre a vida sentimental “daquele rapaz eloquente de Muritiba” com a artista e poetisa portuguesa.

Além das edições relacionadas, há dentre muitos, Xavier Marques, que certamente escreveu uma das melhores biografias, e Jorge Amado com o seu cancionero popular de louvação, o *A.B.C de Castro Alves*, além da peça *Amor do Soldado*. Destaca-se a contribuição de Eugênio Gomes especialmente para a edição da Aguilar pelo que representa de fidedignidade para consulta.

Nas comemorações do centenário de morte, em 1971, surgiram novas publicações como: *Dimensões*, de D. Martins de Oliveira, *Os Aspectos Estilísticos* de Antônio de Pádua. A criação do Parque, em Cabaceiras, e a transladação dos restos mortais para a base do monumento, na praça do seu nome em Salvador, assinalam o evento.

A aceitação popular de Castro Alves faz dele um dos poetas mais conhecidos e mais amados do Brasil. A sua popularidade se expressa de várias maneiras. Muitas das vezes, ele denomina ruas, praças, teatros, escolas, hotel, café e bar, associações, como o Grêmio Castro Alves de Porto Alegre, que sempre toma parte na peregrinação do 14 de março. Às vezes Castro Alves aparece em objetos como chaveiros, até como marca de cigarro e de caixa de fósforos. É um fenômeno de comunicação literária, pela aceitação de sua poesia a um só tempo: lírica, social e épica. Um exemplo único que ilustra bem essa popularidade, é o espetáculo representado pelo artista Vado, Benedito Irivaldo de Souza, que teatralizou *O navio negreiro* em colégios e palcos, no Estado de São Paulo, com mais de cinco mil apresentações. Uma outra maneira de divulgar Castro Alves é a oração sobre o livro na quarta capa dos 12 milhões de exemplares do Clube do Livro, iniciativa de Mário Graciotti.

Um aspecto interessante dessa popularidade é a aceitação da sua vida, obra e glória pelos poetas populares, notadamente do Nordeste. De Rogaciano Leite a Bule-Bule, Castro Alves é uma constante. Leitores de obras mais eruditas, esses poetas traduzem-nas para o povo nos folhetos e declamações em praças, circos, bares, feiras, festas e agrupamentos sociais outros. Rodolfo Coelho Cavalcante o considerava “o maior poeta do mundo em todos os tempos”. Exagero metafórico a parte, ou deixando de lado as asas da inspiração dos poetas populares, há toda uma literatura de

cordel sobre Castro Alves. Além disso, ele usou o repente, forma tradicional da poesia de cordel na disputa com Tobias Barreto e nos discursos poéticos, nos comícios, defendendo tribunos, abolicionistas e republicanos presos no Recife, como demonstrou Franklin Maxado.

O Poeta é presença viva, vibrante, imortal e política. Sinônimo de poesia para o povo e de lirismo.

Vários fatores concorrem para essa tão larga aceitação popular, o que mostra como Castro Alves atingiu o âmago dos sentimentos e valores brasileiros. A imagem romântica, a lembrança de sua vida amorosa, a perene jovialidade parada no tempo, o contraste existencial entre uma vida breve e uma obra difundida, o sentimento de falta, de ausência, de morte precoce, a causa social que defendeu, as causas políticas que abraçou, como abolição e república, a ideia de que a liberdade se concretiza no futuro, a busca perene do amor, a temática brasileira de sua poesia, a presença da natureza sertaneja. Tudo isto o coloca sempre à frente, na trajetória do futuro, na estrada do porvir. Tudo isso faz com que ele ultrapasse e transcenda a condição de escritor, de autor, de poeta, para ingressar e se instalar no pequeno círculo de heróis nacionais. Todas as vezes que falamos do negro, do escravo, do terrível problema da escravidão, do tráfico dantesco e desumano de homens, da escuridão macabra de um navio tumbeiro, da ausência de liberdade, do povo democraticamente na praça, da bênção do livro, da mulher deitada molemente na rede, do perfume que embalsama os ares, da busca do amor, associamos à sua lembrança, à beleza de sua história que reflete o humanismo luminoso da causa da liberdade e do amor.

Castro Alves: a política em poesia aumenta a sua lenda e seu compromisso com a libertação dos escravos e com a república. É o poeta das praças, popular e comicial. Bem

haja, o romântico baiano, presença constante nas lutas pela liberdade e pelo amor.

Edivaldo M. Boaventura,

*Professor emérito da Universidade Federal da Bahia
e Membro da Academia de Letras da Bahia*



I – CRONOLOGIA DA ÉPOCA (1847/1871)

	MUNDO	BRASIL
1847	O exército americano ataca a Cidade do México, durante a guerra de conquista territorial.	Adoção do sistema parlamentarista no Brasil.
	Karl Marx, Friedrich Engels e Stefan Born fundam a Liga.	
1848	México cede o Texas, a Califórnia e o Novo México aos Estados Unidos, após dois anos de guerra.	Em Pernambuco, os liberais pregam uma nova Constituição e entram em choque com conservadores. Tem início a Revolta da Praieira.
	Marx e Engels publicam o <i>Manifesto Comunista</i> , em que conclamam os trabalhadores do mundo a lutar por seus direitos.	
	Estouram revoluções liberais na França, nos reinos italianos, na Áustria e na Alemanha.	
1849	Começa a corrida ao ouro na Califórnia.	O governo termina com a Revolta da Praieira.
1850	Expansão das estradas de ferro.	Liberais querem redigir uma nova Constituição e entram em choque com conservadores.
		Lei Eusébio de Queiroz extingue o tráfico negreiro no país.
		O governo promulga uma nova Lei de Terras, extinguindo o regime de concessão de sesmarias e datas.
1851	A Grande Exposição Internacional das Obras da Indústria, em Londres, apresenta as mais modernas tecnologias industriais.	Guerras Platinas: Brasil entra em guerra contra Oribe, do Uruguai, e Rosas, da Argentina.
	Plebiscito aprova Constituição francesa, apresentada pelo presidente Luís Napoleão Bonaparte, após golpe em que anula a Carta anterior.	

1852		Derrota de Rosas na batalha de Monte Caseros pelas tropas brasileiras aliadas a Urquiza.
1853	Luís Napoleão Bonaparte coroa-se imperador da França, sob o nome de Napoleão III.	
		Política de Conciliação no Brasil, com a alternância dos Partidos Conservador e Liberal na chefia do Gabinete.
1854	Tem início a Guerra da Crimeia, disputa entre o Império Otomano, a França e a Rússia pela proteção dos santuários na Terra Santa.	É inaugurada a primeira estrada de ferro brasileira, entre a Baía de Guanabara e Petrópolis, na Serra do Mar.
	Conferência de Berlim, na qual os países colonizadores (EUA, Grã-Bretanha, Bélgica, Portugal, Alemanha, etc.) dividem o território africano sem respeitar a história e a relação étnica entre seus povos.	
1856	Conferência de paz em Paris leva a Rússia a aceitar a desmilitarização do mar Negro como condição para o fim da Guerra da Crimeia.	
1857	Em 8 de março, na cidade de Nova Iorque, um ataque incendiário da polícia causa morte de 129 operárias da fábrica Cotton.	
1858		Inaugurada a Estrada de Ferro D. Pedro II, ligando o Vale do Paraíba, principal produtor de café, ao Rio de Janeiro.
1859	Tem início o processo de Unificação da Itália, liderado pelo Reino do Piemonte, com a anexação de territórios sob o poder dos austríacos.	
	Tem início a construção do Canal de Suez, no Egito.	
1860		Decadência do café no Vale do Paraíba do Sul. Expansão das lavouras no Vale do Tietê, no oeste paulista.

1861	Vítor Emanuel, rei do Piemonte-Sardenha, é reconhecido como primeiro rei da Itália unificada.	
	Tem início a Guerra da Secessão nos Estados Unidos, quando os sete estados do Sul formam confederação independente dos demais estados do país.	
1862	O presidente Abraham Lincoln assina a libertação dos escravos nos Estados Unidos.	Questão Christie resulta no rompimento diplomático entre Brasil e Inglaterra.
1863	É inaugurado o metrô de Londres — primeiro meio de transporte subterrâneo do mundo —, com cinco estações.	Fim da Questão Christie.
	O presidente Abraham Lincoln assina a Proclamação da Emancipação, que liberta todos os escravos dos estados confederados.	
1864	França ocupa o México e impõe o arquiduque austríaco Maximiliano como imperador.	Em dezembro, o presidente paraguaio Solano López aprisiona o navio brasileiro Assunção e invade Mato Grosso.
1865	O presidente Abraham Lincoln é assassinado em Washintgon	Formação da Tríplice Aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai.
	Fim da Guerra de Secessão.	Batalha do Riachuelo, o maior conflito naval da Guerra do Paraguai.
1866		O exército paraguaio é destruído na Batalha do Tuiuti.
1867	Fundação do Império Austro-Húngaro.	Retirada da Laguna. Brasileiros fracassam na tentativa de penetrar na Província do Mato Grosso, tomada pelos paraguaios.
	Rússia vende o Alasca para os Estados Unidos, por US\$ 7,2 milhões.	
1868		Caxias organiza o ataque final aos paraguaios, conhecido por Dezembrada — série de batalhas, entre elas a do Itororó e a do Avaí.

1869		Aliados da Guerra do Paraguai entram em Assunção e selam a vitória.
1870	Começa a Guerra Franco-Prussiana, em disputa pela sucessão do trono do império espanhol.	Fim da Guerra do Paraguai, com a morte de Solano Lopez.
	Unificação italiana, com a anexação dos Estados Pontifícios ao Reino da Itália.	Manifesto Republicano, no Rio de Janeiro.
1871	Tratado de Frankfurt encerra a Guerra Franco-Prussiana, resultando na cessão das regiões francesas da Alsácia e da Lorena para a Prússia.	Lei do Ventre Livre liberta os filhos de escravos nascidos no Brasil.

II — Cronologia de Castro Alves

1847 – A 14 de março, na fazenda Cabaceiras, na cidade de Curralinho, Bahia, nasce Antônio Frederico de Castro Alves, filho de D. Clélia Brasília da Silva Castro e do Dr. Antônio José Alves, que mais tarde seria professor na Faculdade de Medicina de Salvador.

1854 – A família Alves muda-se para a capital, Salvador. Castro Alves ingressa no colégio de Abílio César Borges, futuro Barão de Macaúbas, tendo como colega Rui Barbosa. Ainda adolescente, já demonstra talento para a poesia.

1859 – D. Clélia morre, deixando o poeta órfão, aos 12 anos.

1862 – Antônio e seu irmão, José Antônio, mudam-se para Recife, com o objetivo de realizar os estudos preparatórios para se habilitar à matrícula na Academia de Direito. Entretanto, tem início a sua vida boêmia, deixando os estudos em segundo plano. Escreve o poema *A Destruição de Jerusalém*.

1863 – Castro Alves publica *A Canção do Africano*, os seus primeiros versos abolicionistas. Apaixona-se pela atriz portuguesa Eugênia Câmara e escreve poesia lírica – *Pesadelo*, *Meu Segredo*, *Cansaço*, *Noite de Amor*. A tuberculose manifesta-se pela primeira vez.

1864 – Matricula-se no curso de Direito. Neste ano perde seu irmão, José Antônio, vítima de suicídio. Escreve o poema *O Tísico* (ao qual dará depois o título *Mocidade e Morte*).

1865 – Inicia o curso de Direito, na mesma turma do escritor Tobias Barreto. Porém, os estudos estavam em segundo plano, era admirado como poeta e orador. Na abertura do ano letivo, declama o poema *O Século*. Alistou-se a 19 de agosto no Batalhão Acadêmico de Voluntários para a Guerra do Paraguai (1865-1870). Começa a elaborar os poemas da sua obra *Os Escravos*.

1866 – Morre seu pai, o dr. Alves. Matriculado no 2º ano da Faculdade de Direito, juntamente com Rui Barbosa e outros colegas, Castro Alves funda uma sociedade abolicionista, além de participar da fundação do jornal literário *A Luz*. No Teatro Santa Isabel declama o poema *Pedro Ivo*. Torna-se amante da atriz Eugênia Câmara, dez anos mais velha, e começa a aproximar-se do teatro.

1867 – Escreve o drama *Gonzaga*, que estreia no mesmo ano em teatro de Salvador, consagrando o jovem autor. Com Eugênia Câmara deixa Recife e instala-se na Bahia. Retira-se para a chácara da Boa Vista.

1868 – Viaja para o Rio de Janeiro, juntamente com Eugênia. Conhece José de Alencar e Machado de Assis, sendo que este o introduz nos meios literários. Viaja para São Paulo e matricula-se no 3º ano de Direito, tendo novamente como colega, Rui Barbosa. Triunfo com a declamação de *O Navio Negro* em sessão magna. Neste ano, o drama *Gonzaga* é representado, em São Paulo, com grande sucesso. Rompe com a atriz Eugênia, ficando seriamente abalado. No final de 1868, feriu-se no pé esquerdo com um tiro acidental de espingarda durante uma caçada.

1869 – Matricula-se no 4.º ano de Direito. Devido à sua vida boêmia e à falta de cuidados com a saúde, adquire tuberculose. Viaja para o Rio, hospedando-se na casa de um amigo. O ferimento no pé complica-se devido à gangrena que toma conta da ferida, resultando na amputação do pé esquerdo. Retorna à Bahia.

1870 – Grande parte do ano hospeda-se em fazendas de parentes, no interior da Bahia, em busca de recuperar a saúde comprometida pela tuberculose. Completa o poema *A cascata de Paulo Afonso*, publicado em 1876 com o título *A cachoeira de Paulo*, e que é parte deste empreendimento, como se vê pelo esclarecimento do poeta: “Continuação do poema *Os Escravos*, sob título de *Manuscritos de Stênio*”. Em novembro, é publicado seu primeiro livro, *Espumas Flutuantes*. Ainda escreve versos líricos em homenagem ao amor platônico pela cantora Agnese Murri.

1871 – Em 6 de julho, aos 24 anos, Castro Alves falece, vítima da tuberculose, sem ter podido acabar a maior empresa a que se propusera, o livro *Os Escravos*, uma série de poesias em torno do tema da escravidão.

Castro Alves é o patrono da cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras.



III — Pensamento de Castro Alves¹

Castro Alves, conhecido como “Poeta dos Escravos”, representava os ideais românticos da juventude do tempo em que viveu. Tendo como inspiração o poeta inglês Byron, cantava com ardor os amores impossíveis, as dores da juventude, em um tom pessimista e intangível. O poeta Pablo Neruda dedicou uma poema a Castro Alves², lembrando-o como o poeta que cantava a beleza das flores e da mulher amada, mas também permitiu que sua voz batesse *“em portas até então fechadas para que, combatendo, a liberdade entrasse”*. E, termina o poeta chileno, *“tua voz uniu-se à eterna e alta voz dos homens. Cantaste bem. Cantaste como se deve cantar”*.

Castro Alves destacou-se pelo seu papel na defesa da abolição da escravidão no país. Através da sua poesia, relata o sofrimento dos escravos, que perdem toda a esperança, sem nenhuma perspectiva de futuro; ao mesmo tempo, com detalhes, o poeta descreve as torturas a que são submetidos os negros escravizados, sejam elas físicas ou morais. Segundo seu biógrafo Afrânio Peixoto, Castro Alves *“não só foi a nossa grande voz de épico e de lírico no concerto do mundo; como vidente e profeta, anunciou a redenção e a liberdade, a emancipação civil dos negros, a emancipação política dos brancos, e agora, realizadas as suas utopias, continua a nos encantar com os acentos incomparáveis do lirismo mais ardente e mais íntimo que já se sentiu e cantou no Brasil”*³. Assim também foi um pouco *“vidente e poeta”*, porque anunciou *“a liberdade dos ingênuos em 1871, a Abolição e a República mais tarde. Iria adiante, num apelo aos ‘filhos do Novo Mundo’, que*

¹ Comentário dos organizadores.

² O poema chama-se *Castro Alves do Brasil* e encontra-se no livro *Canto Geral*.

³ PEIXOTO, Afrânio. *Paixão e glória de Casto Alves*, em *Poeira da Estrada*. Rio, 1918, p. 22

⁴ Idem. Neste caso, segundo o autor, “ingênuos” refere-se à Lei do Ventre Livre, que libertou os filhos nascidos de escravos; já a referência a 1914 diz respeito à Primeira Grande Guerra.

viriam a salvar a Civilização, nos campos de França, assolados pelos Bárbaros em 1914, para se não repetir o crime de 1870” ⁴.

Esse poeta essencial da nação brasileira descreveu de maneira poética, épica, vigorosa, o Brasil do século XIX, em especial denunciou os ultrajes sofridos pelos escravos e a crueldade dos senhores e homens brancos. Sua poesia, declamada em teatros e praças públicas, publicada em jornais e panfletos, cumpriu a sua finalidade de ser a porta-voz do movimento abolicionista. Resgatada, após a sua morte prematura, por seu colega e também abolicionista, Rui Barbosa, foi guinada a símbolo do movimento, que por, sua vez, foi um dos pilares da República no Brasil. Denunciou, ainda, os horrores da guerra e a aflição dos inválidos, que devido a ela perdem sua esperança numa vida melhor.

Por essas razões, sempre vale a pena ler ou reler Castro Alves*, o *Poeta Condoreiro*.

* Os textos de Castro Alves transcritos nesta segunda edição da coletânea O Pensamento Político Brasileiro são os mesmos apresentados na primeira edição. Todavia, tivemos de realizar a correção de alguns erros resultantes de diagramação e também optamos por adequar algumas grafias às normas atuais, o que não alterou as ideias originais do autor constantes na fonte da qual extraímos os poemas:

PEIXOTO, Afrânio. Obras completas de Castro Alves
Edição crítica - Comemorativa do cinquentenário do poeta.
Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1921.

III.1 — Da obra *Espumas Flutuantes*⁵

Espumas Flutuantes, com 53 poemas, foi publicado em 1870 e reúne as características inovadoras de Castro Alves. O título transmite a ideia de transitoriedade, pois Castro Alves, tuberculoso, sente sua vida esvair-se como as espumas no mar agitado. A antologia inclui poemas como: *O livro e a América*, *Ahasverus e o Gênio*, *Ode ao dous de julho*, entre outros. A obra, única publicada pelo poeta em vida, foi apreciada pela crítica com enorme admiração e respeito, consagrando o jovem estudante no cenário literário brasileiro. Possui um tom muitas vezes grandiloquente, os versos surgem como verdadeiros exemplares do Romantismo, carregados de figuras de linguagem. Assim, relembra amores – consumados ou não - e desfere o ardor que o final da paixão com a atriz Eugênia Câmara lhe causara. O estilo épico aparece na *Ode ao dous de julho* – referência à data da Independência da Bahia pela qual lutara seu avô. Antevendo a necessidade do incentivo à leitura no Brasil, o poema *O livro e a América* aborda este tema e faz uma benção àqueles que se dedicam ao livro. Fausto Cunha afirmou que Castro Alves era dotado de “um sentido divinatório que lhe insuflava soluções difíceis de esperar no seu tempo”.

Os poemas escolhidos pelos organizadores para esta obra denotam o senso político e de denúncia social do jovem poeta e nos proporcionam um momento de reflexão sobre assuntos que preocupavam Castro Alves e que continuam sempre atuais.

⁵ Comentário dos organizadores.

Ao dous de julho⁶

É a hora das epopeias,
Das ilíadas reais.
Ruge o vento do passado
Pelos mares sepulcrais.
É a hora, em que a Eternidade
Dialoga a Imortalidade...
Fala o herói com Jeová!...
E Deus – nas celestes plagas –
olhe da glória nas vagas
Os mortos de Pirajá.
Há destes dias augustos
Na tumba dos Briaréus.
Como que Deus baixa à terra
Sem mesmo descer dos céus.
É que essas lousas rasteiras
São – gigantes cordilheiras
Do Senhor aos olhos nus.
É que essas brancas ossadas
São colunas arrojadas
Dos infinitos azuis.

Sim! Quando o tempo entre os dedos
Quebra um século, uma nação...
Encontra nomes tão grandes,
Que não lhe cabem na mão!...
Heróis! Como o cedro augusto
Campeia rijo e vetusto
Dos séc'los ao perpassar,
Vós sois os cedros da História,
A cuja sombra de glória
Vai-se o Brasil abrigar.

⁶ Recitada no Teatro de São João, Bahia, 1867.

E nós, que somos faíscas
Das crisálidas de avós,
Da luz desses arrebóis,
Nós, que somos borboletas
– Nós, que entre as bagas dos cantos,
Por entre as gotas dos prantos
Inda os sabemos chorar,
Podemos dizer: “Das campas
Sacudi as frias tampas!
Vinde a Pátria abençoar!...”
Erguei-vos, santos fantasmas!
Vós não tendes que corar...
(Porque eu sei que o filho torpe
Faz o morto soluçar...)
Gemem as sombras dos Gracos,
Dos Catões, dos Espartacos
Vendo seus filhos tão vis...
Dize-o tu, soberbo Mário!
Tu, que ensopas o sudário
Vendo Roma-meretriz!...

Ai! Que lágrimas candentes
Choram órbitas sem luz! –
Que ideia terá Leônidas
Vendo Esparta nos paúes?!...
Alta noite, quando pena
Sobre Árcole, sobre Iena,
Bonaparte – o rei dos reis –
Que dor d’alma lhe rebenta.
Ao ver su’água sangrenta
No sabre de Juarez!?...

Porém aqui não há grito,
Nem pranto, nem ai, nem dor...

O presente não desmente
Do seu ninho de condor..
Mãos, que, outrora de crianças
A rir – dentaram as lanças
Dos velhos de Pirajá....
De homens hoje, as empunhando,
Nas batalhas afiando,
Vão caminho de Humaitá!...

Basta!... Curvai-vos, ó povo!..
Ei-los os vultos sem par,
Só de joelhos podemos
Nest' hora augusta fitar
Riachuelo e Cabrito,
Que sobem para o infinito
Como jungidos leões,
Puxando os carros dourados
Dos meteoros largados
Sobre a noite das nações.

O livro e a América ⁷
Ao Grêmio Literário

Talhado para as grandezas,
P'ra crescer, criar, subir,
O Novo Mundo nos músculos
Sente a seiva do porvir.
– Estatuário de colossos –
Cansado doutros esboços
Disse um dia Jeová:
“Vai, Colombo, abre a cortina
“Da minha eterna oficina...
“Tira a América de lá”.

Molhado inda do dilúvio,
Qual Tritão descomunal,
O continente desperta
No concerto universal.
Dos oceanos em tropa

Um – traz-lhe as artes da Europa,
outro – as bagas de Ceilão...
E os Andes petrificados,
Como braços levantados,
Lhe apontam para a amplidão.

Olhando em torno então brada:
“Tudo marcha!... Ó grande Deus!
“As cataratas - pra terra,
“As estrelas - para os céus
“Lá, do polo sobre as plagas,
“O seu rebanho de vagas
“Vai o mar apascentar...

⁷ Bahia, 1867.

“Eu quero marchar com os ventos,
“Com os mundos... co’os firmamentos!!!”
E Deus responde - “Marchar!”

“Marchar!... Mas como?... Da Grécia
Nos dóricos Partenons,
A mil deuses levantando
Mil marmóreos Panteons?...
Marchar co’a espada de Roma
- Leoa de ruiva coma
De presa enorme no chão,
Saciando o ódio profundo...
- Com as garras nas mãos do mundo,
- Com os dentes no coração?...”

“Marchar!... Mas como a Alemanha
Na tirania feudal,
Levantando uma montanha
Em cada uma catedral?...
Não!... Nem templos feitos de ossos,
Nem gládios a cavar fossos,
São degraus do progredir...
Lá brada César morrendo:
“No pugilato tremendo
“Quem sempre vence é o porvir!”

Filhos do sec’lo das luzes!
Filhos da Grande Nação!
Quando ante Deus vos mostrardes,
Tereis um livro na mão:
O livro - esse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo...
Eólo de pensamentos,

Que abrija a gruta dos ventos
Donde a Igualdade voou!...

Por uma fatalidade
Dessas que descem de além,
O sec'lo, que viu Colombo,
Viu Gutenberg também.
Quando no tosco estaleiro
Da Alemanha o velho obreiro
A ave da imprensa gerou...
O Genovês salta os mares...
Busca um ninho entre os palmares
E a pátria da imprensa achou...

Por isso na impaciência
Desta sede de saber,
Como as aves do deserto —
As almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar.

Vós, que o templo das ideias
Largo – abris às multidões,
P'ra o batismo luminoso
Das grandes revoluções,
Agora que o trem de ferro
Acorda o tigre no cerro
E espanta os caboclos nus,
Fazei desse “rei dos ventos”
– Ginete dos pensamentos,

– Arauto da grande luz!...

Bravo! a quem salva o futuro

Fecundando a multidão!...

Num poema amortalhada

Nunca morre uma nação.

Como Goethe moribundo

Brada “Luz!” o Novo Mundo

num brado de Briaréu...

Luz! pois, no vale e na serra...

Que, se a luz rola na terra,

Deus colhe gênios no céu!...

Ahasverus e o gênio⁸

Ao poeta e amigo J. Felizardo Júnior

SABES QUEM foi Ahasverus?... – o precito,
O mísero Judeu, que tinha escrito
Na fronte o selo atroz!
Eterno viajor de eterna senda...
Espantado a fugir de tenda em tenda,
Fugindo embalde à vingadora voz!
Misérrimo! Correu o mundo inteiro,
E no mundo tão grande... o forasteiro
Não teve onde... pousar.
Co'a mão vazia – viu a terra cheia.
O deserto negou-lhe – o grão de areia,
A gota d'água rejeitou-lhe o mar.
D'Ásia as florestas – lhe negaram sombra
A savana sem fim – negou-lhe alfombra.
O chão negou-lhe o pó!...
Tabas, serralhos, tendas e solares...
Ninguém lhe abriu a porta de seus lares
E o triste seguiu só.
Viu povos de mil climas, viu mil raças,
E não pôde entre tantas populaças
Beijar uma só mão...
Desde a virgem do Norte à de Sevilhas,
Desde a inglesa à crioula das Antilhas
Não teve um coração!...
E caminhou!... E as tribos se afastavam
E as mulheres tremendo murmuravam
Com respeito e pavor.
Ai! Fazia tremer do vale à serra...
ele que só pedia sobre a terra
– Silêncio, paz e amor! –

⁸ S. Paulo, outubro de 1868.

No entanto à noite, se o Hebreu passava,
Um murmúrio de inveja se elevava,
Desde a flor da campina ao colibri.
“Ele não morre”, a multidão dizia...
E o precito consigo respondia:
– “Ai! mas nunca vivi!” –

O Gênio é como Ahasverus... solitário
A marchar, a marchar no itinerário
Sem termo do existir.
Invejado! a invejar os invejosos.
Vendo a sombra dos álamos frondosos...
E sempre a caminhar... sempre a seguir...
Pede u’a mão de amigo – dão-lhe palmas:
Pede um beijo de amor – e as outras almas
Fogem pasmas de si.
E o mísero de glória em glória corre...
Mas quando a terra diz: – “Ele não morre”
Responde o desgraçado: – “Eu não vivi!...”

Pedro Ivo⁹

I

Rebramam os ventos... Da negra tormenta
Nos montes de nuvens galopa o corcel...
Relincha – troveja... galgando no espaço
Mil raios desperta co'as patas revel.

É noite de horrores... nas grunas celestes,
Nas naves etéreas o vento gemeu...
E os astros fugiram, qual bando de garças
Das águas revoltas do lago do céu.

E a terra é medonha... As árvores nuas
Espectros semelham fincados de pé,
Com os braços de múmias, que os ventos retorcem,
Tremendo a esse grito, que estranho lhes é.

Desperta o infinito... Co'a boca entreaberta
Respira a borrasca do largo pulmão.
Ao longe o oceano sacode as espáduas
– Encélado novo calcado no chão.

É noite de horrores... Por ínvio caminho
Um vulto sombrio sozinho passou,
Co'a noite no peito, co'a noite no busto
Subiu pelo monte, – nas cimas parou.

Cabelos esparsos ao sopro dos ventos,
Olhar desvairado, sinistro, fatal,
Diríeis estátua roçando nas nuvens,
P'ra qual a montanha se fez pedestal.

⁹ Recife, maio de 1865.

Rugia a procela – nem ele escutava!...
Mil raios choviam – nem ele os fitou!
Com a destra apontando bem longe a cidade,
Após largo tempo sombrio falou!...

II

Dorme, cidade maldita,
Teu sono de escravidão!...
Dorme, vestal de pureza,
Sobre os coxins do Sultão!...
Dorme, filha da Geórgia,
Prostituta em negra orgia
Sê hoje Lucrecia Borgia
Da desonra no balcão!...

Dormir?!... Não! Que a infame grita
Lá se levanta fatal...
Corre o champagne e a desonra
Na orgia descomunal...
Na frente já tens um laço...
Cadeias de ouro no braço,
De pérolas um barço,
- Adornos de saturnal!

Louca!... Nem sabe que as luzes,
Que acendeu p'ra as saturnais,
São do enterro de seus brios
Tristes círios funerais...
Que o seu grito de alegria
É o estertor da agonia,
A que responde a ironia
Do riso de Satanás!...

Morreste... E ao teu saimento
Dobra a procela no céu.
E os astros - olhar dos mortos
A mão da noite escondeu.
Vê!... Do raio mostra a lampa
Mão de espectro que destampa
Com dedos de ossos a campa,
Onde a glória adormeceu.
E erguem-se as lápidas frias,
Saltam bradando os heróis:
“Quem ousa da eternidade
Roubar-nos o sono a nós?”
Responde o espectro: “A desgraça!
Que a realeza que passa,
Com o sangue de vossa raça,
Cospe lodo sobre vós!...”

Fugi, fantasmas augustos!
Caveiras que coram mais,
Do que essas faces vermelhas
Dos infames párias!...
Fugi do solo maldito...
Embuçai-vos no infinito!...
E eu por detrás do granito
Dos montes ocidentais...

Eu também fujo... Eu fugindo!!...
Mentira d'esses vilões!
Não foge a nuvem trevosa
Quando em asas de tufões.
Sobe dos céus à esplanada.
Para tomar emprestada
De raios uma outra espada.
A' luz das constelações!...

Como o tigre na caverna
Afia as garras no chão,
Como em Elba amola a espada
Nas pedras - Napoleão,
Tal eu - vaga encapelada,
Recuo de uma passada,
P'ra levar de derribada
Rochedos, reis, multidões...!

III

“Pernambuco! Um dia eu vi-te
Dormido imenso ao luar,
Com os olhos quase cerrados,
Com os lábios - quase a falar...

Do braço o clarim suspenso,
- O punho no sabre extenso,
De pedra - recife imenso,
Que rasga o peito do mar...

E eu disse: Silêncio, ventos!
Cala a boca, furacão!
No sonho d'aquele sono
Perpassa a Revolução!
Este olhar que não se move
'Stá fito em - Oitenta e Nove -
Lê Homero - escuta Jove...
- Robespierre - Danton.

N'aquele crânio entra em ondas
O verbo de Mirabeau...
Pernambuco sonha a escada,
Que também sonhou Jacob;

Cisma a República alçada,
E pega os copos da espada,
Enquanto em su'alma brada:
"Somos irmãos, Vergniaud."

Então repeti ao povo:
- Desperta do sono teu!
Sansão - derroca as colunas!
Quebra os ferros - Prometeu!
Vesúvio curvo - não pares,
Ígnea coma solta aos ares,
Em lavas inunda os mares,
Mergulha o gládio no céu.

República !.. Voo ousado
Do homem feito condor !
Raio de aurora inda oculta,
Que beija a frente ao Thabor!

Deus! Porqu'enquanto que o monte
Bebe a luz desse horizonte,
Deixas vagar tanta frente,
No vale envolto em negror?!...

Inda me lembro... Era, há pouco,
A luta!... Horror!... Confusão!...
A morte voa rugindo
Da garganta do canhão!...
O bravo a fileira cerra!...
Em sangue ensopa-se a terra!...
E o fumo - o corvo da guerra
Com as asas cobre a amplidão ...

Cheguei!... Como nuvens tontas,

Ao bater no monte - além,
Topam, rasgam-se, recuam,...
Tais a meus pés vi também
Hostes mil na luta inglória...
... Da pirâmide da glória
São degraus... Marcha a vitória,
Porque este braço a sustém.

Foi uma luta de bravos,
Como a luta do jaguar.
De sangue enrubesce a terra,
- De fogo enrubesce o ar!...
... Oh!... mas quem faz que eu não vença?
- O acaso... - avalanche imensa,
Da mão do Eterno suspensa,
Que a ideia esmaga ao tombar!...

Não importa! A liberdade
É como a hidra, o Antheu.
Se no chão rola sem forças,
Mais forte do chão se ergueu...
São os seus ossos sangrentos
Gládios terríveis, sedentos...
E da cinza solta aos ventos
Mais um Gracho apareceu!...

Dorme, cidade maldita!
Teu sono de escravidão!
Porém no vasto sacrário
Do templo do coração,
Ateia o lume das lampas,
Talvez que um dia dos pampas
Eu surgindo quebre as campas,
Onde te colam no chão.

Adeus! Vou por ti maldito
Vagar nos ermos paúes.
Tu ficas morta, na sombra.
Sem vida, sem fé, sem luz!...
Mas quando o povo acordado
Te erguer do tredo valado,
Virá livre, grande, ousado,
De pranto banhar-me a cruz!...

IV

Assim falara o vulto errante e negro,
Como a estátua sombria do revés.
Uiva o tufão nas dobras de seu manto,
Como um cão do senhor ulula aos pés...

Inda um momento esteve solitário
Da tempestade semelhante ao deus.
Trocando frases com os trovões no espaço
Raios com os astros nos sombrios céus...

Depois sumiu-se dentre as brumas densas
Da negra noite - de su'alma irmã...
E longe... longe... no horizonte imenso
Ressonava a cidade cortesã!...

Vai!... Do sertão esperam-te as Thermopilas
A liberdade inda pulula ali...
Lá não vão vermes perseguir as águias,
Não vão escravos perseguir a ti!

Vai!... Que o teu manto de mil balas roto
É uma bandeira que não tem rival.
- D'esse suor é que Deus faz os astros...

Tens uma espada que não foi punhal.
Vai, tu que vestes do bandido as roupas,
Mas não te cobres de uma vil libré
Se te renega teu país ingrato
O mundo, a glória tua pátria é!...

V

E foi-se... E inda hoje nas horas errantes,
Que os cedros farfalham, que ruge o tufão,
E os lábios da noite murmuram nas selvas
E a onça vagueia no vasto sertão.

Se passa o tropeiro nas ermas devesas,
Caminha medroso, figura-lhe ouvir
O infrene galope d'Espectro soberbo,
Com um grito de glória na boca a rugir.

Que importa se o túm'lo ninguém lhe conhece?
Nem tem epitáfio, nem leito, nem cruz?...
Seu túmulo é o peito do vasto universo,
Do espaço - por cópula - as conchas azuis!...

... Mas contam que um dia rolara o oceano
Seu corpo na praia, que a vida lhe deu...
Enquanto que a glória rolava sua alma
Nas margens da história, na areia do céu!...

Porém vinda um conselho?...
Fede a Vênus um espelho...
Mira teu rosto... e veias
Um e' ísus quairos tao bellos
Que - homens não sabem fazer...
Que - Deos apim Deus não faz.

Na tua boca formosa
V'ás uma linda rosa
Meio fechada a sorrir,
E, como gotas nitentes,
As perolas de seus dentes
No seio da flor luzor.

III.2 — Da obra *Os Escravos*¹⁰

Os Escravos foi publicado em 1883, doze anos após a morte do autor, reunindo os poemas antiescravagistas de Castro Alves, entre eles os famosos poemas abolicionistas *O Navio Negreiro* e *Vozes d'África*. Castro Alves não foi o primeiro a abordar o tema da escravidão em sua poesia, foi antecedido pelos românticos Gonçalves Dias e Fagundes Varela. Entretanto, sua poesia foi a mais veemente e profundamente engajada à causa social e humanitária do abolicionismo.

Castro Alves não denunciou apenas a prática da escravidão, mas foi além, procurando aprofundar as implicações humanas da escravatura, adequando a sua eloquência condoreira à luta abolicionista. Assim, denuncia os aspectos mais desumanos da escravidão de forma romanticamente trágica, numa tentativa de sensibilizar uma sociedade acostumada a esta instituição arbitrária. Nessa obra, a poesia transforma-se no discurso político grandiloquente e até verborrágico. Para os dias atuais, sua leitura pode ser difícil, pois para atingir o objetivo e persuadir o leitor e, muito mais, o ouvinte, o poeta abusa de antíteses e hipérbolés e apresenta uma sucessão vertiginosa de metáforas que procuram traduzir a mesma ideia. Não se pode esquecer que sua poesia era para ser declamada, assim o autor abusa das imagens para reforçar a ideia do poema.

Os poemas que constaram na primeira edição foram reproduzidos em sua totalidade nesta coletânea - *O Pensamento Político Brasileiro* -, devido ao seu poder de denúncia, que ajudou a sensibilizar a população da época para a causa da escravidão.

¹⁰ Comentário dos organizadores.

A bainha do punhal¹¹

Salve, noites do Oriente,
Noites de beijos e amor!
Onde os astros são abelhas
Do éter na larga flor...
Onde pende a meiga lua,
Como cimitarra nua
Por sobre um dólmã azul!
E a vaga dos Dardanelos
Beija, em lascivos anelos
As saudades de 'Stambul.

Salve, serralhos severos
Como a barba dum
Paxá! Zimbórios, que fingem crânios
Dos crentes fiéis de Alá!...
Ciprestes que o vento agita,
Como flechas de Mesquita
Esguios, longos também;
Minarettes, entre bosques!
Palmeiras, entre os quiosques!
Mulheres nuas do Harém!

Mas embalde a lua inclina
As loiras tranças pra o chão
Desprezada concubina,
Já não te adora o sultão!

Debalde, aos vidros pintados,
Aos balcões arabescados,
Vais bater em doudo afã...
Soam tímbalos na sala...
E a dança ardente resvala

Sobre os tapetes do Irã!...

¹¹ (Fragmento)

A canção do africano

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez pra não o escutar!

“Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

“O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a papa-ceia!
“Aqueles terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar...

“Lá todos vivem felizes,
Todos dançam no terreiro;
A gente lá não se vende
Como aqui, só por dinheiro”.

O escravo calou a fala,
Porque na úmida sala
O fogo estava a apagar;

E a escrava acabou seu canto,
Pra não acordar com o pranto
O seu filhinho a sonhar!

.....

O escravo então foi deitar-se,
Pois tinha de levantar-se
Bem antes do sol nascer,
E se tardasse, coitado,
Teria de ser surrado,
Pois bastava escravo ser.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo!

A criança

Que tens criança? O areal da estrada
Luzente a cintilar
Parece a folha ardente de uma espada.
Tine o sol nas savanas. Morno é o vento.
À sombra do palmar
O lavrador se inclina sonolento.

É triste ver uma alvorada em sombras,
Uma ave sem cantar,
O veado estendido nas alfombras.
Mocidade, és a aurora da existência,
Quero ver-te brilhar.
Canta, criança, és a ave da inocência.

Tu choras porque um ramo de baunilha
Não pudeste colher,
Ou pela flor gentil da granadilha?
Dou-te, um ninho, uma flor, dou-te uma palma,
Para em teus lábios ver
O riso – a estrela no horizonte da alma.

Não. Perdeste tua mãe ao fero açoite
Dos seus algozes vis.
E vagas tonto a tatear à noite.
Choras antes de rir... pobre criança!...
Que queres, infeliz?...
– Amigo, eu quero o ferro da vingança.

A cruz da estrada

Caminheiro que passas pela estrada,
Seguindo pelo rumo do sertão,
Quando vires a cruz abandonada,
Deixa-a em paz dormir na solidão.

Que vale o ramo do alecrim cheiroso
Que lhe atiras nos braços ao passar?
Vais espantar o bando buliçoso
Das borboletas, que lá vão pousar.

É de um escravo humilde sepultura,
Foi-lhe a vida o velar de insônia atroz.
Deixa-o dormir no leito de verdura,
Que o Senhor dentre as selvas lhe compôs.

Não precisa de ti. O gaturamo
Geme, por ele, à tarde, no sertão.
E a juriti, do taquaral no ramo,
Povoa, soluçando, a solidão.

Dentre os braços da cruz, a parasita,
Num abraço de flores, se prendeu.
Chora orvalhos a grama, que palpita;
Lhe acende o vaga-lume o facho seu.

Quando, à noite, o silêncio habita as matas,
A sepultura fala a sós com Deus.
Prende-se a voz na boca das cascatas,
E as asas de ouro aos astros lá nos céus.

Caminheiro! do escravo desgraçado
O sono agora mesmo começou!
Não lhe toques no leito de noivado,
Há pouco a liberdade o desposou.

A mãe do cativo

I

Ó mãe do cativo! que alegre balanças
A rede que ataste nos galhos da selva!
Melhor tu farias se à pobre criança
Cavasses a cova por baixo da relva.

Ó mãe do cativo! que fias à noite
As roupas do filho na choça da palha!
Melhor tu farias se ao pobre pequeno
Tecesses o pano da branca mortalha.

Misérrima! E ensinas ao triste menino
Que existem virtudes e crimes no mundo
E ensinas ao filho que seja brioso,
Que evite dos vícios o abismo profundo...

E louca, sacodes nesta alma, inda em trevas,
O raio da espr'ança... Cruel ironia!
E ao pássaro mandas voar no infinito,
Enquanto que o prende cadeia sombria!...

II

Ó Mãe! não despertes est'alma que dorme,
Com o verbo sublime do Mártir da Cruz!
O pobre que rola no abismo sem termo
Pra qu'há de sondá-lo... Que morra sem luz.

Não vês no futuro seu negro fadário,

Ó cega divina que cegas de amor?!
Ensina a teu filho - desonra, misérias,
A vida nos crimes - a morte na dor.

Que seja covarde... que marche encurvado...
Que de homem se torne sombrio reptil.
Nem core de pejo, nem trema de raiva
Se a face lhe cortam com o látigo vil.

Arranca-o do leito... seu corpo habitue-se
Ao frio das noites, aos raios do sol.
Na vida - só cabe-lhe a tanga rasgada!
Na morte - só cabe-lhe o roto lençol.

Ensina-o que morda... mas pérfido oculte-se
Bem como a serpente por baixo da chã
Que impávido veja seus pais desonrados,
Que veja sorrindo mancharem-lhe a irmã.

Ensina-lhe as dores de um fero trabalho...
Trabalho que pagam com pútrido pão.
Depois que os amigos açoite no tronco...
Depois que adormeça co'o sono de um cão.

Criança - não trema dos transe de um mártir!
Mancebo - não sonhe delírios de amor!
Marido - que a esposa conduza sorrindo
Ao leito devasso do próprio senhor!...

São estes os cantos que deves na terra
Ao mísero escravo somente ensinar.
Ó Mãe que balanças a rede selvagem

Que ataste nos troncos do vasto palmar.

III

Ó Mãe do cativo, que fias à noite
À luz da candeia na choça de palha!
Embala teu filho com essas cantigas...
Ou tece-lhe o pano da branca mortalha.

A órfã na sepultura

Minha mãe, a noite é fria,
Desce a neblina sombria,
Geme o riacho no val
E a bananeira farfalha,

Como o som de uma mortalha
Que rasga o gênio do mal.

Não vês que noite cerrada?
Ouviste essa gargalhada
Na mata escura? ai de mim!
Mãe, ó mãe, tremo de medo.
Oh! quando enfim teu segredo,
Teu segredo terá fim?
Foi ontem que à Ave-Maria
O sino da freguesia,
Me fez tanto soluçar.
Foi ontem que te calaste...
Dormiste . . os olhos fechaste...

Nem me fizeste rezar! ...

Sentei-me junto ao teu leito,
'Stava tão frio o teu peito,
Que eu fui o fogo atizar.
Parece que então me viste
Porque dormindo sorriste
Como uma santa no altar.

Depois o fogo apagou-se,
Tudo no quarto calou-se,

E eu também calei-me então.
Somente acesa uma vela
Triste, de cera amarela,
Tremia na escuridão.

Apenas nascera o dia,
À voz do maridedia
Saltei contente de pé.
Cantavam os passarinhos
Que fabricavam seus ninhos
No telhado de sapé.

Porém tu, por que dormias,
Por que já não me dizias
“Filha do meu coração?”
‘Stavas aflita comigo?
Mãe, abracei-me contigo,
Pedi-te embalde perdão...

Chorei muito! ai triste vida!
Chorei muito, arrependida
Do que talvez fiz a ti.

Depois rezei ajoelhada
A reza da madrugada
Que tantas vezes te ouvi:

“Senhor Deus, que após a noite
“Mandas a luz do arrebol,
“Que vestes a esfarrapada
“Com o manto rico do sol,

“Tu que dás à flor o orvalho,
“Às aves o céu e o ar,
“Que dás as frutas ao galho,
“Ao desgraçado o chorar;

“Que desfias diamantes
“Em cada raio de luz,
“Que espalhas flores de estrelas
“Do céu nos campos azuis;

“Senhor Deus, tu que perdoas
“A toda alma que chorou,
“Como a clícia das lagoas,
“Que a água da chuva lavou;
“Faze da alma da inocente
“O ninho do teu amor,
“Verte o orvalho da virtude
“Na minha pequena flor.

“Que minha filha algum dia
“Eu veja livre e feliz! ...
“Ó Santa Virgem Maria,
“Sê mãe da pobre infeliz.

“Inda lembras-te! dizias,
“Sempre que a reza me ouvias
“Em prantos de a sufocar:
“Ai! têm orvalhos as flores,
“Tu, filha dos meus amores,
“Tens o orvalho do chorar.

Mas hoje sempre sisuda
Me ouviste... ficaste muda,
Sorrindo não sei pra quem.

Quase então que eu tive medo...
Parecia que um segredo
Dizias baixinho a alguém.

Depois... depois... me arrastaram...
Depois... sim... te carregaram
P'ra vir te esconder aqui.
Eu sozinha lá na sala...
'Stava tão triste a senzala...
Mãe, para ver-te eu fugi...

E agora, ó Deus!... se te chamo
Não me respondes!... se clamo,
Respondem-me os ventos suis...
No leito onde a rosa medra
Tu tens por lençol a pedra,
Por travesseiro uma cruz.

É muito estreito esse leito?
Que importa? abre-me teu peito
– Ninho infinito de amor.

– Palmeira – quero-te a sombra.
– Terra – dá-me a tua alfombra.
– Santo fogo – o teu calor.

Mãe, minha voz já me assusta...
Alguém na floresta adusta
Repete os soluços meus.
Sacode a terra... desperta!...
Ou dá-me a mesma coberta'
Minha mãe... meu céu... meu Deus.

A visão dos mortos

Nas horas tristes que em neblinas densas
A terra envolta num sudário dorme,
E o vento geme na amplidão celeste
- Cúpula imensa dum sepulcro enorme,
- Um grito passa despertando os ares,
Levanta as lousas invisível mão.
Os mortos saltam, poeirentos, lívidos.
Da lua pálida ao fatal clarão

Do solo adusto do africano Saara
Surge um fantasma com soberbo passo,
Presos os braços, laureada a frente,
Louco poeta, como fora o Tasso.
Do sul, do norte... do oriente irrompem
Dórias, Siqueiras e Machado então.
Vem Pedro Ivo no cavalo negro
Da lua pálida ao fatal clarão.

O Tiradentes sobre o poste erguido
Lá se destaca das cerúleas telas,
Pelos cabelos a cabeça erguendo,
Que rola sangue, que espadana estrelas.
E o grande Andrada, esse arquiteto ousado,
Que amassa um povo na robusta mão:
O vento agita do tribuno a toga
Da lua pálida ao fatal clarão.

A estátua range... estremecendo move-se
O rei de bronze na deserta praça.
O povo grita: Independência ou Morte!
Vendo soberbo o Imperador, que passa.

Duas coroas seu cavalo pisa,
Mas duas cartas ele traz na mão.
Por guarda de honra tem dous povos livres,
Da lua pálida ao fatal clarão.

Brutus renega a tribunícia toga,
O apost'lo cospe no Evangelho Santo,
E o Cristo - Povo, no Calvário erguido,
Fita o futuro com sombrio espanto.
Nos ninhos d'águias que nos restam? - Corvos,
Que vendo a pátria se estorcer no chão,
Passam, repassam, como alados crimes,
Da lua pálida ao fatal clarão.

“Oh! é preciso inda esperar cem anos...
Cem anos... “ brada a legião da morte.
E longe, aos ecos nas quebradas trêmulas,
Sacode o grito soluçando, - o norte.
Sobre os corcéis dos nevoeiros brancos
Pelo infinito a galopar lá vão...
Erguem-se as névoas como pó do espaço
Da lua pálida ao fatal clarão.

Adeus, meu canto

I

Adeus, meu canto! É a hora da partida...
O oceano do povo s'encapela.
Filho da tempestade, irmão do raio,
Lança teu grito ao vento da procela.

O inverno envolto em mantos de geada
Cresta a rosa de amor que além se erguera...
Ave de arribação, voa, anuncia
Da liberdade a santa primavera.

É preciso partir, aos horizontes
Mandar o grito errante da vedeta.
Ergue-te, ó luz! – estrela para o povo,
– Para os tiranos – lúgubre cometa.

Adeus, meu canto! Na revolta praça
Ruge o clarim tremendo da batalha.
Águia – talvez as asas te espedacem,
Bandeira – talvez rasgue-te a metralha.
Mas não importa a ti, que no banquete
O manto sibarita não trajaste –,
Que se louros não tens na altiva fronte
Também da orgia a coroa renegaste.

A ti que herdeiro duma raça livre
Tomaste o velho arnês e a cota d'armas;
E no ginete que escarvava os vales
A corneta esperaste dos alarmas.

É tempo agora pra quem sonha a glória
E a luta... e a luta, essa fatal fornalha,
Onde referve o bronze das estátuas,
Que a mão dos sec'los no futuro talha...

Parte, pois, solta livre aos quatro ventos
A alma cheia das crenças do poeta!...
Ergue-te ó luz! – estrela para o povo,
Para os tiranos – lúgubre cometa.

Há muita virgem que ao prostíbulo impuro
A mão do algoz arrasta pela trança;
Muita cabeça d'ancião curvada,
Muito riso afogado de criança.

Dirás à virgem: – Minha irmã, espera:
Eu vejo ao longe a pomba do futuro.
– Meu pai, dirás ao velho, dá-me o fardo
Que atropela-te o passo mal seguro...

A cada berço levarás a crença.
A cada campa levarás o pranto.
Nos berços nus, nas sepulturas rasas,
– Irmão do pobre – viverás, meu canto.
E pendido através de dois abismos,
Com os pés na terra e a fronte no infinito,
Traz a bênção de Deus ao cativo,
Levanta a Deus do cativo o grito!

II

Eu sei que ao longe na praça,
Ferve a onda popular,
Que às vezes é pelourinho,
Mas poucas vezes – altar.

Que zombam do bardo atento,
Curvo aos murmúrios do vento
Nas florestas do existir,
Que babam fel e ironia
Sobre o ovo da utopia
Que guarda a ave do porvir.

Eu sei que o ódio, o egoísmo,
A hipocrisia, a ambição,
Almas escuras de grutas,
Onde não desce um clarão,
Peitos surdos às conquistas,
Olhos fechados às vistas,
Vistas fechadas à luz,
Do poeta solitário
Lançam pedras ao calvário,
Lançam blasfêmias à cruz.

Eu sei que a raça impudente
Do escriba, do fariseu,
Que ao Cristo eleva o patíbulo,
A fogueira a Galileu,
É o fumo da chama vasta,
Sombra – que o século arrasta,
Negra, torcida, a seus pés;
Tronco enraizado no inferno,
Que se arqueia escuro, eterno,
Das idades através.

E eles dizem, reclinados
Nos festins de Baltasar:
“Que importuno é esse que canta
Lá no Eufrate a soluçar?
Prende aos ramos do salgueiro

A lira do cativoiro,
Profeta da maldição,
Ou cingindo a augusta fronte
Com as rosas d'Anacreonte
Canta o amor e a criação...

Sim! cantar o campo, as selvas,
As tardes, a sombra, a luz;
Soltar su'alma com o bando
Das borboletas azuis;
Ouvir o vento que geme,
Sentir a folha que treme,
Como um seio que pulou,
Das matas entre os desvios,
Passar nos antros bravios
Por onde o jaguar passou;

É belo... E já quantas vezes
Não saudei a terra – o céu,
E o Universo – Bíblia imensa
Que Deus no espaço escreveu?
Que vezes nas cordilheiras,
Ao canto das cachoeiras,
Eu lancei minha canção,
Escutando as ventanias
Vagas, tristes profecias
Gemerem na escuridão?!...

Já também amei as flores,
As mulheres, o arrebol,
E o sino que chora triste,
Ao morno calor do sol.
Ouvi saudoso a viola,
Que ao sertanejo consola,
Junto à fogueira do lar,

Amei a linda serrana,
Cantando a mole tirana,
Pelas noites de luar!

Da infância o tempo fugindo
Tudo mudou-se em redor.
Um dia passa em minha'alma
Das cidades o rumor.
Soa a ideia, soa o malho,
O ciclope do trabalho
Prepara o raio do sol.
Tem o povo – mar violento –
Por armas o pensamento,
A verdade por farol.

E o homem, vaga que nasce
No oceano popular,
Tem que impelir os espíritos,
Tem uma plaga a buscar
Oh! maldição ao poeta
Que foge – falso profeta –
Nos dias de provação!
Que mistura o tosco iambo
Com o tório ditirambo
Nos poemas d'aflição!...

“Trabalhar!” brada na sombra
A voz imensa, de Deus –
“Braços! voltai-vos pra terra,
Frontes voltai-vos pros céus!”

Poeta, sábio, selvagem,
Vós sois a santa equipagem
Da nau da civilização!
Marinheiro, – sobe aos mastros,

Piloto, – estuda nos astros,
Gajeiro, – olha a cerração!

Uivava a negra tormenta
Na enxárcia, nos mastaréus.
Uivavam nos tombadilhos,
Gritos insontes de réus.
Vi a equipagem medrosa
Da morte à vaga horrorosa
Seu próprio irmão sacudir.
E bradei: – “Meu canto, voa,
Terra ao longe! terra à proa!...
Vejo a terra do porvir!...”

III

Companheiro da noite mal dormida,
Que a mocidade vela sonhadora,
Primeira folha d'árvore da vida.
Estrela que anuncia a luz da aurora,
Da harpa do meu amor nota perdida,
Orvalho que do seio se evapora,
É tempo de partir... Voa, meu canto,
– Que tantas vezes orvalhei de pranto.

Tu foste a estrela vésper que alumia
Aos pastores d'Arcádia nos fraguados!
Ave que no meu peito se aquecia
Ao murmúrio talvez dos meus segredos.
Mas hoje que sinistra ventania
Muge nas selvas, ruge nos rochedos,
Condor sem rumo, errante, que esvoaça,
Deixo-te entregue ao vento da desgraça.

Quero-te assim; na terra o teu fadário
É ser o irmão do escravo que trabalha,
É chorar junto à cruz do seu calvário,
É bramir do senhor na bacanália...
Se – vivo – seguirás o itinerário,
Mas, se – morto – rolares na mortalha,
Terás, selvagem filho da floresta,
Nos raios e trovões hinos de festa.

Quando a piedosa, errante caravana,
Se perde nos desertos, peregrina,
Buscando na cidade muçulmana,
Do sepulcro de Deus a vasta ruína,
Olha o sol que se esconde na savana
Pensa em Jerusalém, sempre divina,
Morre feliz, deixando sobre a estrada
O marco miliário duma ossada.
Assim, quando essa turba horripilante,
Hipócrita sem fé, bacante impura,
Possa curvar-te a fronte de gigante,
Possa quebrar-te as malhas da armadura,
Tu deixarás na liça o férreo guante
Que há de colher a geração futura...
Mas, não... crê no porvir, na mocidade,
Sol brilhante do céu da liberdade.

Canta, filho da luz da zona ardente,
Destes cerros soberbos, altanados!
Emboca a tuba lúgubre, estridente,
Em que aprendeste a rebramir teus brados.
Levanta das orgias – o presente,
Levanta dos sepulcros – o passado,
Voz de ferro! desperta as almas grandes
Do sul ao norte... do oceano aos Andes!!...

América

À Tépidia sombra das matas gigantes,
Da América ardente nos pampas do Sul,
Ao canto dos ventos nas palmas brilhantes,
À luz transparente de um céu todo azul,

A filha das matas – cabocla morena –
Se inclina indolente sonhando talvez!
A frente nos Andes reclinada serena.
E o Atlântico humilde se estende a seus pés.
As brisas dos cerros ainda lhe ondulam
Nas plumas vermelhas do arco de avós,
Lembrando o passado seus seios pululam,
Se a onça ligeira bolou nos cipós.

São vagas lembranças de um tempo que teve!...
Palpita-lhe o seio por sob uma cruz.
E em cisma doirada – qual garça de neve –
Sua alma revolve-se em ondas de luz.

Embalam-lhe os sonhos, na tarde saudosa,
Os cheiros agrestes do vasto sertão,
E a triste araponga que geme chorosa
E a voz dos tropeiros em terna canção.

Se o gênio da noite no espaço flutua
Que negros mistérios a selva contém!
Se a ilha de prata, se a pálida lua
Clareia o levante, que amores não tem!

Parece que os astros são anjos perdidos

Das frouxas neblinas da abóbada azul,
Que miram, que adoram ardentes, perdidos,
A filha morena dos pampas do Sul.

Se aponta a alvorada por entre as cascatas,
Que estrelas no orvalho que a noite verteu!
As flores são aves que pousam nas matas,
As aves são flores que voam no céu!

.....

Ó pátria, desperta... Não curves a fronte
Que enxuga-te os prantos o Sol do Equador.
Não miras na fímbria do vasto horizonte
A luz da alvorada de um dia melhor?

Já falta bem pouco. Sacode a cadeia
Que chamam riquezas... que nódoas te são!
Não manches a folha de tua epopeia
No sangue do escravo, no imundo balcão.

Sê pobre, que importa? Sê livre... és gigante,
Bem como os condores dos píncaros teus!
Arranca este peso das costas do Atlante,
Levanta o madeiro dos ombros de Deus.

Antítese

Cintila a festa nas salas!
Das serpentinas de prata
Jorram luzes em cascata
Sobre sedas e rubins.
Soa a orquestra... Como silfos
Na valsa os pares perpassam,
Sobre as flores, que se enlaçam
Dos tapetes nos coxins.

Entanto a névoa da noite
No átrio, na vasta rua,
Como um sudário flutua
Nos ombros da solidão.
E as ventanias errantes,
Pelos ermos perpassando,
Vão se ocultar soluçando
Nos antros da escuridão.

Tudo é deserto... somente
À praça em meio se agita
Dúbia forma que palpita,
Se estorce em rouco estertor.
– Espécie de cão sem dono
Desprezado na agonia,
Larva da noite sombria,
Mescla de trevas e horror.

É ele o escravo maldito,
O velho desamparado,
Bem como o cedro lascado,
Bem como o cedro no chão.
Tem por leito de agonias
As lájeas do pavimento,
E como único lamento
Passa rugindo o tufão.

Chorai, orvalhos da noite,
Soluçai, ventos errantes.
Astros da noite brilhantes
Sede os círios do infeliz!
Que o cadáver insepulto,
Nas praças abandonado,
É um verbo de luz, um brado
Que a liberdade prediz.

Ao romper d'alva

Sigo só caminhando serra acima,
E meu cavalo a galopar se anima
Aos bafos da manhã.
A alvorada se eleva do levante,
E, ao mirar na lagoa seu semblante,
Julga ver sua irmã.

As estrelas fugindo aos nenufares,
Mandam rútilas pérolas dos ares
De um desfeito colar.
No horizonte desvendam-se as colinas,
Sacode o véu de sonhos de neblinas
A terra ao despertar.

Tudo é luz, tudo aroma e murmúrio.
A barba branca da cascata o rio
Faz orando tremer.
No descampado o cedro curva a frente,
Folhas e prece aos pés do Onipotente
Manda a lufada erguer.

Terra de Santa Cruz, sublime verso
Da epopeia gigante do universo,
Da imensa criação.
Com tuas matas, ciclopes de verdura,
Onde o jaguar, que passa na espessura,
Roja as folhas no chão;

Como és bela, soberba, livre, ousada!
Em tuas cordilheiras assentada

A liberdade está.
A púrpura da bruma, a ventania
Rasga, espedaça o cetro que s'erguia
Do rijo piquiá.

Livre o tropeiro toca o lote e canta
A lânguida cantiga com que espanta
A saudade, a aflição.
Solto o ponche, o cigarro fumegando
Lembra a serrana bela, que chorando
Deixou lá no sertão.

Livre, como o tufão, corre o vaqueiro
Pelos morros e várzea e tabuleiro
Do intrincado cipó.
Que importa'os dedos da jurema aduncos?
A anta, ao vê-los, oculta-se nos juncos,
Voa a nuvem de pó.

Dentre a flor amarela das encostas
Mostra a testa luzida, as largas costas
No rio o jacaré.
Catadupas sem freios, vastas, grandes,
Sois a palavra livre desses Andes
Que além surgem de pé.

Mas o que vejo? É um sonho!... A barbaria
Erguer-se neste séc'lo, à luz do dia.
Sem pejo se ostentar.
E a escravidão – nojento crocodilo
Da onda turva expulso lá do Nilo –
Vir aqui se abrigar!...

Oh! Deus! não ouves dentre a imensa orquestra

Que a natureza virgem manda em festa
Soberba, senhoril,
Um grito que soluça aflito, vivo,
O retinir dos ferros do cativo,
Um som discorde e vil?

Senhor, não deixes que se manche a tela
Onde traçaste a criação mais bela
De tua inspiração.
O sol de tua glória foi toldado...
Teu poema da América manchado,
Manchou-o a escravidão.

Prantos de sangue – vagas escarlates –
Toldam teus rios – lúbricos Eufrates
Dos servos de Sião.
E as palmeiras se torcem torturadas,
Quando escutam dos morros nas quebradas
O grito de aflição.

Oh! ver não posso este labéu maldito!
Quando dos livres ouvirei o grito?
Sim... talvez amanhã.
Galopa, meu cavalo, serra acima!
Arranca-me a este solo. Eia! te anima
Aos bafos da manhã!

Bandido negro

Trema a terra de susto aterrada...
Minha égua veloz, desgrenhada,
Negra, escura nas lapas voou.
Trema o céu... ó ruína! ó desgraça!
Porque o negro bandido é quem passa,
Porque o negro bandido bradou:

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Dorme o raio na negra tormenta...
Somos negros... o raio fermenta
Nesses peitos cobertos de horror.
Lança o grito da livre coorte,
Lança, ó vento, pampeiro de morte,
Este guante de ferro ao senhor.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Eia! ó raça que nunca te assombras!
Pra o guerreiro uma tenda de sombras
Arma a noite na vasta amplidão.
Sus! pulula dos quatro horizontes,
Sai da vasta cratera dos montes,
Donde salta o condor, o vulcão.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

E o senhor que na festa descanta
Pare o braço que a taça alevanta,
Coroadada de flores azuis.
E murmure, julgando-se em sonhos:
“Que demônios são estes medonhos,
Que lá passam famintos e nus?”

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Somos nós, meu senhor, mas não tremas,
Nós quebramos as nossas algemas
Pra pedir-te as esposas ou mães.
Este é o filho do ancião que mataste.
Este - irmão da mulher que manchaste...
Oh! não tremas, senhor, são teus cães.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

São teus cães, que têm frio e têm fome,
Que há dez séc'los a sede consome...
Quero um vasto banquete feroz...
Venha o manto que os ombros nos cubra.

Para vós fez-se a púrpura rubra,
Fez-se a manto de sangue pra nós.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Meus leões africanos, alerta!
Vela a noite... a campina é deserta.
Quando a lua esconder seu clarão
Seja o bramo da vida arrancado
No banquete da morte lançado
Junto ao corvo, seu lúgubre irmão.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Trema o vale, o rochedo escarpado,
Trema o céu de trovões carregado,
Ao passar da rajada de heróis,
Que nas éguas fatais desgrenhadas
Vão brandindo essas brancas espadas,
Que se amolam nas campas de avós.

Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.

Canção do violeiro

Passa, ó vento das campinas,
Leva a canção do tropeiro.
Meu coração 'stá deserto,
'Stá deserto o mundo inteiro.
Quem viu a minha senhora
Dona do meu coração?

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

Ela foi-se ao pôr da tarde
Como as gaivotas do rio.
Como os orvalhos que descem
Da noite num beijo frio,
O cauã canta bem triste,
Mais triste é meu coração.

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

E eu disse: a senhora volta
Com as flores da sapucaia.
Veio o tempo, trouxe as flores,
Foi o tempo, a flor desmaia.
Colhereira, que além voas,
Onde está meu coração?

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

Não quero mais esta vida,

Não quero mais esta terra.
Vou procurá-la bem longe,
Lá para as bandas da serra.
Ai! triste que eu sou escravo!
Que vale ter coração?

Chora, chora na viola,
Violeiro do sertão.

Confidência

Quando, Maria, vês de minha fronte
Negra ideia voando no horizonte,
as asas desdobrar,
Triste segues então meu pensamento,
Como fita o barqueiro de Sorrento
As nuvens ao luar.

E tu me dizes, pálida inocente,
Derramando uma lágrima tremente,
Como orvalho de dor:
“Por que sofres? A selva tem odores,
“O céu tem astros, os vergéis têm flores,
“Nossas almas o amor”.

Ai! tu vês nos teus sonhos de criança
A ave de amor que o ramo da esperança
Traz no bico a voar;
E eu vejo um negro abutre que esvoaça,
Que co'as garras a púrpura espedaça
Do manto popular.

Tu vês na onda a flor azul dos campos,
Donde os astros, errantes pirilampos,
Se elevam para os céus;
E eu vejo a noite borbulhar das vagas
E a consciência é quem me aponta as plagas
Voltada para Deus.

Tua alma é como as veigas sorrentinas
Onde passam gemendo as cavatinas
Cantadas ao luar.

A minha – eco do grito, que soluça,
Grito de toda dor que se debruça
Do lábio a soluçar.
É que eu escuto o sussurrar de ideias,
O marulho talvez das epopeias,
Em torno aos mausoléus,
E me curvo no túm’lo das idades
– Crânios de pedra, cheios de verdades
E da sombra de Deus.

E nessas horas julgo que o passado
Dos túmulos a meio levantado
Me diz na solidão:
“Que és tu, poeta? A lâmpada da orgia,
“Ou a estrela de luz, que os povos guia
“À nova redenção?”

Ó Maria, mal sabes o fadário
Que o moço bardo arrasta solitário
Na impotência da dor.
Quando vê que debalde à liberdade
Abriu sua alma - urna da verdade
Da esperança e do amor!...

Quando vê que uma lúgubre corte
Contra a estátua (sagrada pela morte)
Do grande imperador,
Hipócrita, amotina a população,
Que morde o bronze, como um cão de caça
No seu louco furor!...

Sem poder esmagar a iniquidade
Que tem na boca sempre a liberdade,
Nada no coração;

Que ri da dor cruel de mil escravos,
– Hiena, que do túmulo dos bravos,
Morde a reputação!...

Sim... quando vejo, ó Deus, que o sacerdote
As espáduas fustiga com o chicote
Ao cativo infeliz;
Que o pescador das almas já se esquece
Das santas pescarias e adormece
Junto da meretriz...

Que o apóstolo, o símplice romeiro,
Sem bolsa, sem sandálias, sem dinheiro,
Pobre como Jesus,
Que mendigava outrora à caridade
Pagando o pão com o pão da eternidade,
Pagando o amor com a luz,

Agora adota a escravidão por filha,
Amolando nas páginas da Bíblia
O cutelo do algoz...
Sinto não ter um raio em cada verso
Para escrever na frente do perverso:
“Maldição sobre vós!”

Maldição sobre vós, tribuno falso!
Rei, que julgais que o negro cadafalso
É dos tronos o irmão!
Bardo, que a lira prostituis na orgia
– Eunuco incensador da tirania –
Sobre ti maldição!

Maldição sobre ti, rico devasso,
Que da música, ao lânguido compasso,

Embriagado não vê
A criança faminta que na rua
Abraça u'a mulher pálida e nua,
Tua amante... talvez!...

Maldição!... Mas que importa?... Ela espedaça
Acaso a flor olente que se enlaça
Nas c'roas festivas?
Nodoa a veste rica ao sibarita?
Que importam cantos, se é mais alta a grita
Das loucas bacanais?

Oh! por isso, Maria, vê, me curvo
Na face do presente escuro e turvo
E interrogo o porvir;
Ou levantando a voz por sobre os montes,
– “Liberdade”, pergunto aos horizontes,
Quando enfim hás de vir?”

Por isso, quando vês as noites belas,
Onde voa a poeira das estrelas
E das constelações,
Eu fito o abismo que a meus pés fermenta,
E onde, como santelmos da tormenta,
Fulgem revoluções!...

Estrofes do solidário

Basta de covardia! A hora soa...
Voz ignota e fatídica revoa,
Que vem... Donde? De Deus.
A nova geração rompe da terra,
E, qual Minerva armada para a guerra,
Pega a espada... olha os céus.

Sim, de longe, das raias do futuro,
Parte um grito, pra – os homens surdo, obscuro
Mas para – os moços, não!
É que, em meio das lutas da cidade,
Não ouvis o clarim da Eternidade,
Que troa n'amplidão!

Quando as praias se ocultam na neblina,
E como a garça, abrindo a asa latina,
Corre a barca no mar,
Se então sem freios se despenha o norte,
É impossível – parar... volver – é morte
Só lhe resta marchar.

E o povo é como – a barca em plenas vagas,
A tirania – é o tremedal das plagas,
O porvir – a amplidão.
Homens! Esta lufada que rebenta
É o furor da mais lóbrega tormenta...
- Ruge a revolução.

E vós cruzais os braços... Covardia!
E murmurais com fera hipocrisia:
– É preciso esperar...

Esperar? Mas o quê? Que a população,
Este vento que os tronos despedaça,
Venha abismos cavar?

Ou quereis, como o sátrapa arrogante,
Que o porvir, n'ante-sala, espere o instante
Em que o deixeis subir?!
Oh! parai a avalanche, o sol, os ventos,
O oceano, o condor, os elementos...
Porém nunca o porvir!

Meu Deus! Da negra lenda que se inscreve
Co' o sangue de um Luís, no chão da Grève,
Não resta mais um som!...
Em vão nos deste, pra maior lembrança,
Do mundo – a Europa, mas d'Europa – a França.
Mas da França – um Bourbon!

Desvario das fronte coroadas!
Na página das púrpuras rasgadas
Ninguém mais estudou!
E no sulco do tempo, embalde dorme
A cabeça dos reis – semente enorme
Que a multidão plantou!...

No entanto fora belo nesta idade
Desfraldar o estandarte da igualdade,
De Byron ser o irmão...
E pródigo – a esta Grécia brasileira,
Legar no testamento – uma bandeira,
E ao mundo – uma nação.

Soltar ao vento a inspiração de Graco
Envolver-se no manto de 'Spartaco,

Dos servos entre a grei;
Lincoln – o Lázaro acordar de novo,
E da tumba da ignomínia erguer um povo,
Fazer de um verme – um rei!

Depois morrer – que a vida está completa,
– Rei ou tribuno, César ou poeta,
Que mais quereis depois?
Basta escutar, do fundo lá da cova,
Dançar em vossa lousa a raça nova
Libertada por vós...

Fábula – o pássaro e a flor

Era num dia sombrio
Quando um pássaro erradio
Veio parar num jardim.
Aí fitando uma rosa,
Sua voz triste e saudosa,
Pôs-se a improvisar assim.

“ó Rosa, ó Rosa bonita!
Ó Sultana favorita
Deste serralho de azul:
Flor que vives num palácio,
Como as princesas de Lácio,
Como as filhas de 'Stambul.

Corno és feliz! Quanto eu dera
Pela eterna primavera
Que o teu castelo contém...
Sob o cristal abrigada,
Tu nem sentes a geada
Que passa raivosa além.

Junto às estátuas de pedra
Tua vida cresce, medra,
Ao fumo dos narguillés,
No largo vaso da China
Da porcelana mais fina
Que vem do Império Chinês.

O Inverno ladra na rua,
Enquanto adormeces nua
Na estufa até de manhã.

Por escrava – tens a aragem
O sol – é teu louro pajem.
Tu és dele – a castelã.

Enquanto que eu desgraçado,
Pelas chuvas ensopado,
Levo o tempo a viajar,
– Boêmio da média idade,
Vou do castelo à cidade,
Vou do mosteiro ao solar!

Meu capote roto e pobre
Mal os meus ombros encobre
Quanto à gorra... tu bem vês!
... Ai! meu Deus! se Rosa fora
Como eu zombaria agora
Dos louros dos menestréis!...

.....

Então por entre a folhagem
Ao passarinho selvagem
A rosa assim respondeu:
“Cala-te, bardo dos bosques!
Ai! não troques os quiosques
Pela cúpula do céu.

Tu não sabes que delírios
Sofrem as rosas e os lírios
Nesta dourada prisão.
Sem falar com as violetas.
Sem beijar as borboletas,
Sem as auras do sertão

Molha-te a fria geada...
Que importa? A loura alvorada
Virá beijar-te amanhã.
Poeta, romperás logo,
A cada beijo de fogo,
Na cantilena louçã.

Mas eu?! Nas salas brilhantes
Entre as tranças deslumbrantes
A virgem me enlaçará
Depois cadáver de rosa
A valsa vertiginosa
Por sobre mim rolará.

Vai, Poeta... Rompe os ares
Cruza a serra, o vale, os mares
Deus ao chão não te amarrou!
Eu calo-me – tu descansas,
Eu rojo – tu te levantas,
Tu és livre – escrava eu sou!

Frades

Mas a mão que assim tece o linho aos pés da Glória?
Como Hércules também esmaga a hidra...
E depois de aspergir o tum'lo dos heróis
Pega de Juvenal na vergasta feroz
E os monges hodiernos açoita sem piedade
Como o Divino Mestre o fez na antiguidade!...

Jesuítas e frades

II

Que o mundo antigo s'erga e lance a maldição
Sobre vós... lembrando a negra Inquisição,
A hidra escura e vil da vil Teocracia,
O Santo Ofício, as provas, o azeite, a gemonia...
Lisboa, Tours, Sevilha e Nantes na tortura,
Na fogueira Grandier, João Huss na sepultura,
Colombo a soluçar, a gemer Galileu...
De mil autos-da-fé o fumo enchendo o céu...
Que a maldição vos lance a pena do Gaulês
Tendo por tinta a borra das caldeiras de pez...
Que o Germano a sangrar maldiz em férreos hinos.

É justo!...

A História cega, aqueitando o estilete
Nas brasas que apagar não pôde o Guadalete,
Tem jus de vos marcar com o ferro do labéu,
Como queima o carrasco o ombro nu do réu...

.....

Mas enquanto existir o grande, o novo mundo,
Ó Filhos de Jesus!... um cântico profundo
Irá vos embalar do sepulcro no solo...
A América por vós reza de pólo a pólo!
Dizei-o, vós, dizei, Tamoios, Guaranis,
Iroqueses, Tapuias, Incas, e Tupis...
A santa abnegação, o heroísmo, a doçura,
O amor paternal, a castidade pura

Destes homens que vinham, envoltos no burel,
A derramar dos lábios o amor – divino mel,
O perdão – óleo santo, a fé – mística luz,
E o Deus da caridade – o pródigo Jesus!...

Oh! não! Mil vezes não! O poeta Americano
Vos deve sepultar no verso soberano
– Pano negro que tem por lágrimas de prata
As lágrimas que a Musa inspirada desata!!!

Se aqui houve cativos – eles os libertaram.
Se aqui houve selvagens – eles os educaram.
Se aqui houve fogueiras – eles nelas sofreram.
Se lá carrascos foram – cá mártires morreram.
Em vez do Inquisidor – tivemos a vedeta.
Loiola – aqui foi Nóbrega, Arbues – foi Anchieta!

Oh! Não! Mil vezes não! O poeta Americano
Vos deve amortalhar no verso soberano
– Pano negro que tem por lágrimas de prata
As lágrimas que a musa inspirada desata!...

.....

Lúcia¹²

Na formosa estação da primavera
Quando o mato se arreja mais festivo,
E o vento campesino bebe ardente
O agreste aroma da floresta virgem...
Eu e Lúcia, corríamos – crianças –
Na veiga, no pomar, na cachoeira,
Como um casal de colibris travessos
Nas laranjeiras que o Natal enflora.

Ela era a cria mais formosa e meiga
Que jamais, na Fazenda, vira o dia...
Morena, esbelta, airosa... eu me lembrava
Sempre da corça arisca dos silvados
Quando via-lhe os olhos negros, negros
Como as plumas noturnas da graúna,
Depois... quem mais mimosa e mais alegre?...
Sua boca era um pássaro escarlate
Onde cantava festival sorriso.
Os cabelos caíam-lhe anelados
Como doudos festões de parasitas...
E a graça... o modo... o coração tão meigo?!...

Ai! Pobre Lúcia... como tu sabias,
Festiva, encher de afagos a família,
Que te queria tanto e que te amava
Como se fosses filha e não cativa...

Tu eras a alegria da fazenda;
Tua senhora ria-se, contente
Quando enlaçavas seus cabelos brancos

¹² Poema.

Co'as roxas maravilhas da campina.
E quando à noite todos se juntavam,
Aos reflexos doirados da candeia,
Na grande sala em torno da fogueira,
Então, Lúcia, sorrindo eu murmurava:
“Meu Deus! um beija-flor fez-se criança...
Uma criança fez-se mariposa!”

Mas um dia a miséria, a fome, o frio,
Foram pedir um pouso nos teus lares...
A mesa era pequena... Pobre Lúcia!
Foi preciso te ergueres do banquete
Deixares teu lugar aos mais convivas...

Eu me lembro... eu me lembro... O sol raiava.
Tudo era festa em volta da pousada...
Cantava o galo alegre no terreiro,
O mugido das vacas misturava-se
Ao relincho das éguas que corriam
De crinas soltas pelo campo aberto
Aspirando o frescor da madrugada.

Pela última vez ela chorando
Veio sentar-se ao banco do terreiro...
Pobre criança! que conversas tristes
Tu conversaste então co'a natureza.

“Adeus! pra sempre, adeus, ó meus amigos,
Passarinhos do céu, brisas da mata,
Patativas saudosas dos coqueiros,
Ventos da várzea, fontes do deserto!...
Nunca mais eu virei, pobres violetas,
Vos arrancar das moitas perfumadas,

Nunca mais eu irei risonha e louca
Roubar o ninho do sabiá choroso...
Perdoai-me que eu parto para sempre!
Venderam para longe a pobre Lúcia!...”

Então ela apanhou do mato as flores
Como outrora enlaçou-as nos cabelos,
E rindo de chorar disse em soluços:
“Não te esqueças de mim que te amo tanto...”

.....

Depois além, um grupo, informe e vago,
Que cavalgava o dorso da montanha,
Ia esconder-se, transmuntando o topo...

Neste momento eu vi, longe... bem longe,
Ainda se agitar um lenço branco...
Era o lencinho trêmulo de Lúcia...

Epílogo

Muitos anos correram depois disto...
Um dia nos sertões eu caminhava
Por uma estrada agreste e solitária,
Diante de mim ua mulher seguia,
– Co’ o cântaro à cabeça – pés descalços,
Co’os ombros nus, mas pálidos e magros...

Ela cantava, com uma voz extinta,
Uma cantiga triste e compassada...
E eu que a escutava procurava, embalde,
Uma lembrança juvenil e alegre

Do tempo em que aprendera aqueles versos...
De repente, lembrei-me... “Lúcia! Lúcia!”
... A mulher se voltou... fitou-me pasma,
Soltou um grito... e, rindo e soluçando,
Quis para mim lançar-se, abrindo os braços.
... Mas súbito estacou... Nuvem de sangue
Corou-lhe o rosto pálido e sombrio...
Cobriu co’a mão crispada a face rubra
Como escondendo uma vergonha eterna...
Depois, soltando um grito, ela sumiu-se
Entre as sombras da mata... a pobre Lúcia!

Manuela (cantiga do rancho)

Companheiros! já na serra
Erra.
A tropa inteira a pastar...
Tropeiros!... junto à candeia
Eia!
Soltemos nosso trovar...

Té que as barras do Oriente
Rente
Saíam dos montes de lá...
Cada qual sua cantiga
Diga
Aos ecos do Sincorá.

No rancho as noites se escoam.
Voam,
Quando geme o trovador...
Ouvi, pois! que esta guitarra...
Narra
O meu romance de amor.

.....

Manuela era formosa
Rosa,
Rosa aberta no sertão...
Com seu torço adamascado
Dado

Ao sopro da viração.
Provocante, mas esquiva,
Viva

Como um doudo beija-flor...
Manuela – a moreninha
 Tinha
Em cada peito um amor...

Inda agora quando o vento
 Lento
Traz-me saudades de então
Parece que a vejo ainda
 Linda
Do fado no turbilhão

Vejo-lhe o pé resvalando
 Brando
No fandango a delirar.
Inda ao som das castanholas
 Rolas
Diante do meu olhar...

Manuela... mesmo agora
 Chora
Minh'alma Pensando em ti...
E na viola relembro
 Lembro
Tiranas que então gemi.
“Manuela, Manuela
 Bela
Como tu ninguém luziu..
Minha travessa morena,
 Pena
Pena tem de quem te viu!...

Manuela... Eu não perjuro!

Juro
Pela luz dos olhos teus...
Morrer por ti Manuela
Bela,
Se esqueces os sonhos meus.

Por teus sombrios olhares
– Mares
Onde eu me afoego de amor...
Pelas tranças que desatas
– Matas
Cheias de aroma e frescor...

Pelos peitos que entre rendas
Vendas
Com medo que os vão roubar...
Pela perna que no frio
Rio
Pude outro dia enxergar...

Por tudo que tem a terra,
Serra,
Mato, rio, campo e céu...
Eu te juro, Manuela,
Bela
Que serei cativo teu...

Tu bem sabes que Maria,
Fria
É pra outros, não pra mim...
Que morrem Lúcia, Joana
E Ana
Aos sons do meu bandolim...

Mas tu és um passarinho
– Ninho
Fizeste no peito meu...
Eu sou a boca - és o canto
Tanto
Que sem ti não canto eu.

Vamos pois
A noite cresce
Desce
A lua a beijar a flor
À sombra dos arvoredos
Ledos
Os ventos choram de amor

Vamos pois ó moreninha
Minha
Minha esposa ali serás
Ao vale a relva tapiza
Pisa
Serão teus Paços-reais!

Por padre uma árvore vasta
Basta!
Por igreja - o azul do céu...
Serão as brancas estrelas
– Velas
Acesas pra o himeneu”.

Assim nos tempos perdidos
Idos
Eu cantava mas em vão
Manuela, que me ouvia,

Ria,
Casta flor da solidão!

Companheiros! se inda agora
Chora
Minha viola a gemer,
É porque um dia... Escutai-me
Dai-me
Sim! dai-me antes que beber!...

É que um dia mas bebamos
Vamos
No copo afogue-se a dor!
Manuela, Manuela,
Bela,
Fez-se amante do senhor!

Mater dolorosa

Meu Filho, dorme, dorme o sono eterno
No berço imenso, que se chama – o céu.
Pede às estrelas um olhar materno,
Um seio quente, como o seio meu.

Ai! borboleta, na gentil crisálida,
As asas de ouro vais além abrir.
Ai! rosa branca no matiz tão pálida,
Longe, tão longe vais de mim florir.

Meu filho, dorme
Como ruge o norte
Nas folhas secas do sombrio chão!
Folha dest'alma como dar-te à sorte?
É tredo, horrível o feral tufão!

Não me maldigas... Num amor sem termo
Bebi a força de matar-te a mim
Viva eu cativa a soluçar num ermo
Filho, sê livre... Sou feliz assim...

– Ave – te espera da lufada o açoite,
– Estrela – guia-te uma luz falaz.
– Aurora minha – só te aguarda a noite,
– Pobre inocente – já maldito estás.

Perdão, meu filho... se matar-te é crime
Deus me perdoa... me perdoa já.
A fera enchente quebraria o vime...
Velem-te os anjos e te cuidem lá.

Meu filho dorme... dorme o sono eterno
No berço imenso, que se chama o céu.
Pede às estrelas um olhar materno,
Um seio quente, como o seio meu.

O canto de Bug Jargal¹³

Por que foges de mim? Por que, Maria?
E gelas-te de medo, se me escutas?
Ah! sou bem formidável na verdade,
Sei ter amor, ter dores e ter cantos!
Quando, através das palmas dos coqueiros
Tua forma desliza aérea e pura,
Ó Maria, meus olhos se deslumbram,
Julgo ver um espírito que passa.
E se escuto os acentos encantados,
Que em melodia escapam de teus lábios,
Meu coração palpita em meu ouvido
Misturando um queixoso murmúrio
De tua voz à lânguida harmonia.
Ai! tua voz é mais doce do que o canto
Das aves que no céu vibram as asas,
E que vem no horizonte lá da pátria.
Da pátria onde era rei, onde era livre!
Rei e livre, Maria! e esqueceria
Tudo por ti... esqueceria tudo
– A família, o dever, reino e vingança
Sim, até a vingança!... ainda que cedo
Tenha enfim de colher este acre fruto,
Acre e doce que tarde amadurece.

.....

Ó Maria, pareces a palmeira
Bela, esvelta, embalada pelas auras.
E te miras no olhar de teu amante
Como a palmeira n'água transparente. Porém... sabes?
Às vezes há no fundo

¹³ (Traduzido de V. HUGO)

Do deserto o uragã que tem ciúmes
Da fonte amada... e arroja-se e galopa.
O ar e a areia misturando turvos
Sob o voo pesado de suas asas.
Num turbilhão de fogo, árvore e fonte
Envolve... e seca a límpida vertente,
Sente a palmeira a um hálito de morte
Crespar-se o verde circ'lo da folhagem,
Que tinha a majestade de uma c'roa
E a graça de uma solta cabeleira.

.....

Oh! treme, branca filha de Espanhola,
Treme, breve talvez tenhas em torno
O uragã e o deserto. Então, Maria,
Lamentarás o amor que hoje pudera
Te conduzir a mim, bem como o kata
– Da salvação o pássaro ditoso –
Através das areias africanas
Guia o viajante lânguido à cisterna.
E por que enjeitas meu amor? Escuta:
Eu sou rei, minha fronte se levanta
Sobre as fronte de todos. Ó Maria,
Eu sei que és branca e eu negro, mas precisa
O dia unir-se à noite feia, escura,
Para criar as tardes e as auroras,
Mais belas do que a luz, mais do que as trevas!

O derradeiro amor de Byron

I

Num desses dias em que o Lord errante
Resvalando em coxins de seda mole...
A laureada e pálida cabeça
Sentia-lhe embalar essa condessa,
Essa lânguida e bela Guiccioli...

II

Nesse tempo feliz... em que Ravena
Via cruzar o Child peregrino,
Dos templos ermos pelo claustro frio...
Ou longas horas meditar sombrio
No túmulo de Dante – o Gibelino...

III

Quando aquela mão régia de Madona
Tomava aos ombros essa cruz insana...
E do Giaour o lúgubre segredo,
E esse crime indizível do Manfredo
Madornavam aos pés da Italiana...

IV

Numa dessas manhãs... Enquanto a moça
Sorrindo-lhe dos beijos ao ressábio,
Cantava como uma ave ou uma criança...
Ela sentiu que um riso de esperança
Abria-lhe do amante lábio a lábio...

V

A esperança! A esperança no precito!
A esperança nesta alma agonizante!
E mais lívida e branca do que a cera
Ela disse a tremer: – “George, eu quisera
Saber qual seja... a vossa nova amante”.

VI

– “Como o sabes?...” – “Confessas?” – “Sim! confesso...”
– “E o seu nome...” – “Qu’importa?” – “Fala Alteza!...”
– “Que chama douda teu olhar espalha,
És ciumenta?...” – “Mylord, eu sou de Itália!”
– “Vingativa?...” – “Mylord, eu sou Princesa!...”

VII

– “Queres saber então qual seja o arcanjo
Que inda vem m’enlevar o ser corruto?
O sonho que os cadáveres renova,
O amor que o Lázaro arrancou da cova
O ideal de Satã?...” – “Eu vos escuto!”

VIII

– “Olhai, Signora... além dessas cortinas,
O que vedes?...” – “Eu vejo a imensidade!...”
– “E eu vejo... a Grécia... e sobre a plaga errante
Uma virgem chorando...” – “É vossa amante?...”
– “Tu disseste-o, Condessa!” É a Liberdade!!!...”

O navio negreiro (tragédia no mar)

I

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar – dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
– Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...

'Stamos em pleno mar... Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!
Embaixo – o mar... em cima – ... o firmamento...
E no mar e no céu – a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Homens do mar! Ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia,
Orquestra – é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

.....

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar – doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as penas, Leviathan do espaço,
Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas.

II

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!

Cantai! que a morte é divina!
Resvala o brigue à bolina
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mezena
Saudosa bandeira acena
As vagas que deixa após.

Do Espanhol as cantilenas
Requebradas de langor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor!
Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente,
– Terra de amor e traição,
Ou do golfo no regaço
Relembra os versos de Tasso,
Junto às lavas do vulcão!

O Inglês – marinheiro frio,
Que ao nascer no mar se achou,
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entoa pátrias glórias,
Lembrando, orgulhoso, histórias
De Nelson e de Aboukir...
O Francês – predestinado –
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!

Os marinheiros Helenos,
Que a vaga jônia criou,
Belos piratas morenos
Do mar que Ulisses cortou,
Homens que Fídias talhara,

Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu!...

III

Desce do espaço imenso, ó águia do oceano!
Desce mais... inda mais... não pode olhar humano
Como o teu mergulhar no brigue voador!
Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral!... Que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror!

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...

Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
“Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!...”

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...

Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma – lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,

Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram crianças lindas,
Viveram moças gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus...
...Adeus, ó choça do monte,
...Adeus, palmeiras da fonte!...
...Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
Depois, o oceano de pó.
Depois no horizonte imenso
Desertos... desertos só...
E a fome, o cansaço, a sede...
Ai! quanto infeliz que cede,
E cai p'ra não mais s'erguer!...
Vaga um lugar na cadeia,
Mas o chagal sobre a areia
Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado

Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer.
Prende-os a mesma corrente
– Férrea, lúgubre serpente
– Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade
Tanto horror perante os céus?!...
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
Do teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão!...

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?

Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto!...

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróis na lança
Antes te houvessem roto na batalha,
Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
Extingue nesta hora o brigue imundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas,
Como um íris no pélagos profundo!
Mas é infâmia demais!... Da etérea plaga
Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares!

O século

O séc'lo é grande... No espaço
Há um drama de treva e luz.
Como o Cristo – a liberdade
Sangra no poste da Cruz.
Um corvo escuro, anegrado,
Obumbra o manto azulado,
Das asas d'água dos céus...
Arquejam peitos e frentes...
Nos lábios dos horizontes
Há um riso de luz... É Deus.

Às vezes quebra o silêncio
Ronco estrídulo, feroz.
Será o rugir das matas,
Ou da plebe a imensa voz?...
Treme a terra hirta e sombria...
São as vascas da agonia
Da liberdade no chão?...
Ou do povo o braço ousado
Que, sob montes calcado,
Abala-os como um Titão?!...

Ante esse escuro problema
Há muito irônico rir.
Pra nós o vento da esp'rança
Traz o pólen do porvir.
E enquanto o cepticismo
Mergulha os olhos no abismo,
Que a seus pés raivando tem,
Rasga o moço os nevoeiros,
Pra dos morros altaneiros

Ver o sol que irrompe além.

Toda noite – tem auroras,
Raios – toda a escuridão.
Moços, creiamos, não tarda
A aurora da redenção.
Gemer – é esperar um canto...
Chorar – aguardar que o pranto
Faça-se estrela nos céus.
O mundo é o nauta nas vagas...
Terá do oceano as plagas
Se existem justiça e Deus.

No entanto inda há muita noite
No mapa da criação.
Sangra o abutre – tirano
Muito cadáver – nação.
Desce a Polônia esvaída,
Cataléptica, adormida,
À tumba do Sobieski;
Inda em sonhos busca a espada...
Os reis passam sem ver nada...
E o Czar olha e sorri...

Roma inda tem sobre o peito
O pesadelo dos reis!
A Grécia espera chorando
Canaris... Byron talvez!
Napoleão amordaça
A boca da população
E olha Jersey com terror;
Como o filho de Sorrento,
Treme ao fitar um momento
O Vesúvio aterrador.

A Hungria é como um cadáver
Ao relento exposto nu;
Nem sequer a abriga a sombra
Do foragido Kossuth.
Aqui – o México ardente,
– Vasto filho independente
Da liberdade e do sol –
Jaz por terra... e lá soluça
Juarez, que se debruça
E diz-lhe: “Espera o arrebol!”

O quadro é negro. Que os fracos
Recuem cheios de horror.
A nós, herdeiros dos Gracos,
Traz a desgraça – valor!
Lutai... Há uma lei sublime
Que diz: “À sombra do crime
Há de a vingança marchar.”
Não ouvis do Norte um grito,
Que bate aos pés do infinito,
Que vai Franklin despertar?

É o grito dos Cruzados
Que brada aos moços – “De pé”!
É o sol das liberdades
Que espera por Josué!...
São bocas de mil escravos
Que transformaram-se em bravos
Ao cinzel da abolição.
E – à voz dos libertadores –
Reptis saltam condores,
A topetar n’amplidão!...
E vós, arcas do futuro,

Crisálidas do porvir,
Quando vosso braço ousado
Legislações construir,
Levantai um templo novo,
Porém não que esmague o povo,
Mas lhe seja o pedestal.
Que ao menino dê-se a escola,
Ao veterano – uma esmola...
A todos – luz e fanal!

Luz!... sim; que a criança é uma ave,
Cujo porvir tendes vós;
No sol – é uma águia arrojada,
Na sombra – um mocho feroz.
Libertai tribunas, prelos...
São fracos, mesquinhos eles...
Não calqueis o povo-rei!
Que este mar d'almas e peitos,
Com as vagas de seus direitos,
Virá partir-vos a lei.

Quebre-se o cetro do Papa,
Faça-se dele – uma cruz!
A púrpura sirva ao povo
Pra cobrir os ombros nus,
Que aos gritos do Niagara
– Sem escravos, – Guanabara
Se eleve ao fulgor dos sóis!
Banhem-se em luz os prostíbulos,
E das lascas dos patíbulos
Erga-se a estátua aos heróis!

Basta!... Eu sei que a mocidade
É o Moisés no Sinai;
Das mãos do Eterno recebe
As tábuas da lei! – Marchai!
Quem cai na luta com glória,
Tomba nos braços da História,
No coração do Brasil!
Moços, do topo dos Andes,
Pirâmides vastas, grandes,
Vos contemplam séc'los mil!

O sibarita romano

Escravo, dá-me a c'roa de amaranto
Que mandou-me inda há pouco Afra impudente.
Orna-me a fronte... Enrola-me os cabelos,
Quero o mole perfume do Oriente.

Lança nas chamas dessa etrusca pira
O nardo trescalante de Medina.
Vem... desenrola aos pés do meu tricínio
As felpas de uma colcha bizantina.

Oh! tenho tédio... Embalde, ao pôr da tarde,
Pelas nereidas louras embalado,
Vogo em minha galera ao som das harpas,
Da cortesã nos seios recostado.

Debalde, em meu palácio altivo, imenso,
De mosaicos brilhantes embutido,
Nuas, volvem as filhas do Oriente
No morno banho em termas de porfido.

Só amo o circo... a dor, gritos e flores,
A pantera, o leão de hirsuta coma;
Onde o banho de sangue do universo
Rejuvenesce a púrpura de Roma.

E o povo rei – na vítima do mundo
Palpa as entranhas que inda sangue escorrem,
E ergue-se o grito extremo dos cativos:
– Ave, Cesar! saúdam-te os que morrem!

Escravo, quero um canto... Vibra a lira,
De Orfeu desperta a fibra dolorida,
Canta a volúpia das bacantes nudas,
Fere o hino de amor que inflama a vida.

Doce, como do Himeto o mel dourado,
Puro como o perfume... Escravo insano!
Teu canto é o grito rouco das Eumênides,
Sombrio como um verso de Lucano.

Quero a ode de amor que o vento canta
Do Palatino aos flóreos arvoredos.
Quero os cantos de Nero... Escravo infame,
Quebras as cordas nos convulsos dedos!

Deixa esta lira! como o tempo é longo!
Insano! insano! que tormento sinto!
Traze o louro falerno transparente
Na mais custosa taça de Corinto.

Pesa-me a vida!... está deserto o Forum!
E o tédio!... o tédio!... que infernal ideia!
Dá-me a taça, e do ergástulo das servas
Tua irmã trar-me-ás, – a grega Haideia!

Quero em seu seio... Escravo desgraçado,
A este nome tremeu-te o braço exangue?
Vê... Manchaste-me a toga com o falerno,
Irás manchar o Coliseu com o sangue!...

O sol e o povo

O sol, do espaço Briaréu gigante,
P'ra escalar a montanha do infinito,
Banha em sangue as campinas do levante.

Então em meio dos Saaras – o Egito
Humilde curva a fronte e um grito errante
Vai despertar a Esfinge de granito.

O povo é como o sol! Da treva escura
Rompe um dia co'a destra iluminada,
Como o Lázaro, estala a sepultura!...

Oh! temei-vos da turba esfarrapada,
Que salva o berço à geração futura,
Que vinga a campa à geração passada.

O vidente

Às vezes quando à tarde, nas tardes brasileiras,
A cisma e a sombra descem das altas cordilheiras;
Quando a viola acorda na choça o sertanejo
E a linda lavadeira cantando deixa o brejo,
E a noite – a freira santa – no órgão das florestas
Um salmo preludia nos troncos, nas giestas;
Se acaso solitário passo pelas picadas,
Que torcem-se escamosas nas lapas escarpadas,
Encosto sobre as pedras a minha carabina,
Junto a meu cão, que dorme nas sarças da colina,
E, como uma harpa eólia entregue ao tom dos ventos
– Estranhas melodias, estranhos pensamentos,
Vibram-me as cordas d'alma enquanto absorto cismo,
Senhor! vendo tua sombra curvada sobre o abismo,
Colher a prece alada, o canto que esvoaça
E a lágrima que orvalha o lírio da desgraça,
Então, num santo êxtase, escuto a terra e os céus.
E o vácuo se povoa de tua sombra, ó Deus!

Ouço o cantar dos astros no mar do firmamento;
No mar das matas virgens ouço o cantar do vento,
Aromas que s'elevam, raios de luz que descem,
Estrelas que despontam, gritos que se esvaecem,
Tudo me traz um canto de imensa poesia,
Como a primícia augusta da grande profecia;
Tudo me diz que o Eterno, na idade prometida,
Há de beijar na face a terra arrependida.
E, desse beijo santo, desse ósculo sublime
Que lava a iniquidade, a escravidão e o crime,
Hão de nascer virentes nos campos das idades,

Amores, esperanças, glórias e liberdades!
Então, num santo êxtase, escuto a terra e os céus,
O vácuo se povoa de tua sombra, ó Deus!
E, ouvindo nos espaços as louras utopias
Do futuro cantarem as doces melodias,
Dos povos, das idades, a nova promessa...
Me arrasta ao infinito a águia da inspiração...
Então me arrojo ousado das eras através,
Deixando estrelas, séculos, volverem-se a meus pés...
Porque em minh'alma sinto ferver enorme grito,
Ante o estupendo quadro das telas do infinito...
Que faz que, em santo êxtase, eu veja a terra e os céus,
E o vácuo povoado de tua sombra, ó Deus!

Eu vejo a terra livre... como outra Madalena,
Banhando a' frente pura na viração serena,
Da urna do crepúsculo, verter nos céus azuis
Perfumes, luzes, preces, curvada aos pés da cruz...
No mundo – tenda imensa da humanidade inteira
Que o espaço tem por teto, o sol tem por lareira,
Feliz se aquece unida a universal família.
Oh! dia sacrossanto em que a justiça brilha,
Eu vejo em ti das ruínas vetustas do passado,
O velho sacerdote augusto e venerado
Colher a parasita – a santa flor – o culto,
Como o coral brilhante do mar na vasa oculto...

Não mais inunda o templo a vil superstição;
A fé – a pomba mística – e a águia da razão,
Unidas se levantam do vale escuro d'alma,
Ao ninho do infinito voando em noite calma.
Mudou-se o férreo cetro, esse aguilhão dos povos,
Na virga do profeta coberta de renovos.

E o velho cadafalso horrendo e corcovado,
Ao poste das idades por irrisão ligado
Parece em balde tenta cobrir com as mãos a fronte,
– Abutre que esqueceu que o sol vem no horizonte.
Vede: as crianças louras aprendem no Evangelho
A letra que comenta algum sublime velho,
Em toda a fronte há luzes, em todo o peito amores,
Em todo o céu estrelas, em todo o campo flores ...
E, enquanto, sob as vinhas, a ingênua camponesa
Enlaça às negras tranças a rosa da deveza;
Dos saaras africanos, dos gelos da Sibéria,

Do Cáucaso, dos campos dessa infeliz Ibéria,
Dos mármore lascados da terra santa homérica,
Dos pampas, das savanas desta soberba América
Prorrompe o hino livre, o hino do trabalho!
E, ao canto dos obreiros, na orquestra audaz do malho,
O ruído se mistura da imprensa, das ideias,
Todos da liberdade forjando as epopeias,
Todos co'as mãos calosas, todos banhando a fronte
Ao sol da independência que irrompe no horizonte.

Oh! escutai! ao longe vago rumor se eleva
Como o trovão que ouviu-se quando na escura treva,
O braço onipotente rolou Satã maldito.
É outro condenado ao raio do infinito,
É o retumbar por terra desses impuros paços,
Desses serralhos negros, desses Egeus devassos,
Saturnos de granito, feitos de sangue e ossos...
Que bebem a existência do povo nos destroços...

.....

Enfim a terra é livre! Enfim lá do Calvário
A águia da liberdade, no imenso itinerário,
Voa do Calpe brusco às cordilheiras grandes,
Das cristas do Himalaia aos píncaros dos Andes!
Quebraram-se as cadeias, é livre a terra inteira,
A humanidade marcha com a Bíblia por bandeira.
São livres os escravos... quero empunhar a lira,
Quero que est'alma ardente um canto audaz desfira,
Quero enlaçar meu hino aos murmúrios dos ventos,
Às harpas das estrelas, ao mar, aos elementos!

.....

Mas, ai! longos gemidos de míseros cativos,
Tinidos de mil ferros, soluços convulsivos,
Vêm-me bradar nas sombras, como fatal vedeta:
“Que pensas, moço triste? Que sonhas tu, poeta?”
Então curvo a cabeça de raios carregada,
E, atando brônzea corda à lira amargurada,
O canto de agonia arrojado à terra, aos céus,
E ao vácuo povoado de tua sombra, ó Deus!

Prometeu

Inda arrogante e forte, o olhar no sol cravado,
Sublime no sofrer, vencido – não domado,
Na última agonia arqueja Prometeu.
O Cáucaso é seu cepo; é seu sudário o céu,
Como um braço de algoz, que em sangureira se nutre,
Revolve-lhe as entranhas o pescoço do abutre.
Pra as iras lhe sustar... corta o raio a amplidão
E em correntes de luz prende, amarra o Titão.

Agonia sublime!... E ninguém nesta hora
Consola aquela dor, naquela angústia chora.
Ai! por cúm'lo de horror!... O Oriente golfa a luz,
No Olímpto brinca o amor por entre os seios nus.
De tirso em punho o bando das lúbricas bacantes,
Correm montanha e val em danças delirantes.
E ao gigante caído... a terra e o céu (rivais!...)
Prantos lascivos dão... suor de bacanais.

Mas não! Quando arquejante em horrído granito
Se estorce Prometeu, gigantesco precito,
Vós, Nereidas gentis, meigas filhas do mar!
O oceano lhe trazeis... pra em prantos derramar...

Povo! povo infeliz! Povo, mártir eterno,

Tu és do cativo o Prometeu moderno...
Enlaça-te no poste a cadeia das Leis,
O pescoço do abutre é o cetro dos maus reis.
Para tais dimensões, pra músculos tão grandes,
Era pequeno o Cáucaso... amarram-te nos Andes.

E enquanto, tu, Titão, sangrento arcas aí,
O século da luz olha... caminha... ri...
Mas não! mártir divino, Encélado tombado!
Junto ao Calvário teu, por todos desprezado,
A musa do poeta irá – filha do mar –
O oceano de sua alma... em cantos derramar...

Remorso¹⁴
(Ao assassino de Lincoln)

Cavaleiro sinistro, embuçado,
Neste negro cavalo montado,
Onde vais galopando veloz?
Tu não vês como o vento farfalha,
E das nuvens sacode a mortalha
Ululando com lúgubre voz?

Cavaleiro, onde vais? tu não sentes
Teu capote seguro nos dentes
E nas garras do negro tufão,
Nestas horas de horror e segredo
Quando os mangues s'escondem com medo
Tiritando do mar n'amplidão?

Quando a serra se embuça em neblinas
E as lufadas sacodem as crinas
Do pinheiro que geme no val,
E no espaço se apagam as lampas,
E uma chama azulada nas campas
Lambe as pedras por noite hibernal,

Onde cais? Onde vais temerário
A correr... a voar?... Que fadário
Aos ouvidos te grita – fugi?
Por que fitas o olhar desvairado
No horizonte que foge espantado
Em tuas costas com medo de ti?

Ai! debalde galopas a est'hora!
É debalde que sangra na espora

¹⁴ São Salvador, 31 de maio de 1871.

Negro flanco do negro corcel.
E no célere rápido passo
Devorando com as patas o espaço
Saltas montes e vales revel.

Não apagas da frente o ferrete
Onde o crime com frio estilete
Nome estranho bem fundo gravou.
O que buscas? – A noite sem lumes?
P'ra aclarar-te fatais vaga-lumes
Teu cavalo do chão despertou.

De bem longe o arvoredado trevoso,
Estirando o pescoço nodoso,
Vem – correndo – na estrada te olhar.
Mas tua frente maldita encarando,
Foge... foge veloz recuando,
Vai nas brumas a frente velar.

Tu não vês? Qual matilha esfaimada,
Lá dos morros por sobre a quebrada,
Ladra o eco gritando: quem és?
Onde vais, cavaleiro maldito?
Mesmo oculto nos véus do infinito
Tua sombra te morde nos pés.

Saudação a Palmares

Nos altos cerros erguido
Ninho d'águias atrevido,
Salve! – País do bandido!
Salve! – Pátria do jaguar!
Verde serra onde os palmares
– Como indianos cocares –
No azul dos colúmbios ares
Desfraldam-se em mole arfar!...

Salve! Região dos valentes
Onde os ecos estridentes
Mandam aos plainos trementes
Os gritos do caçador!
E ao longe os latidos soam...
E as trompas da caça atroam...
E os corvos negros revoam
Sobre o campo abrasador!...

Palmares! a ti meu grito!
A ti, barca de granito,
Que no soçobro infinito
Abriste a vela ao trovão.
E provocaste a rajada,
Solta a flâmula agitada
Aos uivos da marujada
Nas ondas da escravidão!

De bravos soberbo estádio,
Das liberdades paládio,
Pegaste o punho do gládio,
E olhaste rindo pra o val:

“Descei de cada horizonte...
Senhores! Eis-me de frente!”
E riste... O riso de um monte!
E a ironia... de um chacal!...

Cantem Eunucos devassos
Dos reis os marmóreos paços;
E beijem os férreos laços,
Que não ousam sacudir...
Eu canto a beleza tua,
Caçadora seminua!...
Em cuja perna flutua
Ruiva a pele de um tapir.

Crioula! o teu seio escuro
Nunca deste ao beijo impuro!
Luzidio, firme, duro,
Guardaste pra um nobre amor.
Negra Diana selvagem,
Que escutas sob a ramagem
As vozes – que traz a aragem
Do teu rijo caçador!...

Salve, Amazona guerreira!
Que nas rochas da clareira,
– Aos urros da cachoeira –
Sabes bater e lutar...
Salve! – nos cerros erguido –
Ninho, onde em sono atrevido,
Dorme o condor... e o bandido!...
A liberdade... e o jaguar!

Súplica

Senhor Deus, dá que a boca da inocência
Possa ao menos sorrir,
Como a flor da granada abrindo as pet'las
Da alvorada ao surgir.

Dá que um dedo de mãe aponte ao filho
O caminho dos céus,
E seus lábios derramem como pérolas
Dois nomes – filho e Deus.

Que a donzela não manche em leito impuro
A grinalda do amor.
Que a honra não se compre ao carniceiro
Que se chama senhor.

Dá que o brio não cortem como o cardo
Filho do coração.
Nem o chicote acorde o pobre escravo
A cada aspiração.

Insultam e desprezam da velhice
A coroa de cãs.
Ante os olhos do irmão em prostitutas
Transformam-se as irmãs.

A esposa é bela... Um dia o pobre escravo
Solitário acordou;
E o vício quebra e ri do nó perpétuo
Que a mão de Deus atou.

Do abismo em pego, de desonra em crime

Rola o mísero a sós.
Da lei sangrento o braço rasga as vísceras
Como o abutre feroz.

Vê!... A inocência, o amor, o brio, a honra,
E o velho no balcão.
Do berço à sepultura a infâmia escrita...
Senhor Deus! compaixão!...

Tragédia do lar

Na Senzala, úmida, estreita,
Brilha a chama da candeia,
No sapé se esgueira o vento.
E a luz da fogueira ateia.

Junto ao fogo, uma africana,
Sentada, o filho embalando,
Vai lentamente cantando
Uma tirana indolente,
Repassada de aflição.
E o menino ri contente...
Mas treme e grita gelado,
Se nas palhas do telhado
Ruge o vento do sertão.

Se o canto para um momento,
Chora a criança imprudente...
Mas continua a cantiga...
E ri sem ver o tormento
Daquele amargo cantar.
Ai! triste, que enxugas rindo
Os prantos que vão caindo
Do fundo, materno olhar,
E nas mãozinhas brilhantes
Agitas como diamantes
Os prantos do seu pensar...

E voz como um soluço lacerante
Continua a cantar:

“Eu sou como a garça triste
“Que mora à beira do rio,
“As orvalhadas da noite
“Me fazem tremer de frio.

“Me fazem tremer de frio
“Como os juncos da lagoa;
“Feliz da araponga errante
“Que é livre, que livre voa.

“Que é livre, que livre voa
“Para as bandas do seu ninho,
“E nas braúnas à tarde
“Canta longe do caminho.

“Canta longe do caminho.
“Por onde o vaqueiro trilha,
“Se quer descansar as asas
“Tem a palmeira, a baunilha.

“Tem a palmeira, a baunilha,
“Tem o brejo, a lavadeira,
“Tem as campinas, as flores,
“Tem a relva, a trepadeira,

“Tem a relva, a trepadeira,
“Todas têm os seus amores,
“Eu não tenho mãe nem filhos,
“Nem irmão, nem lar, nem flores”.

A cantiga cessou... Vinha da estrada
A trote largo, linda cavahada
De estranho viajor,
Na porta da fazenda eles paravam,

Das mulas boleadas apeavam
E batiam na porta do senhor.

Figuras pelo sol tismadas, lúbricas,
Sorrisos sensuais, sinistro olhar,
Os bigodes retorcidos,
O cigarro a fumar,
O rebenque prateado
Do pulso dependurado,
Largas chilenas luzidas,
Que vão tinindo no chão,
E as garruchas embebidas
No bordado cinturão.

A porta da fazenda foi aberta;
Entraram no salão.

Por que tremes mulher? A noite é calma,
Um bulício remoto agita a palma
Do vasto coqueiral.
Tem pérolas o rio, a noite lumes,
A mata sombras, o sertão perfumes,
Murmúrio o bananal.

Por que tremes, mulher? Que estranho crime,
Que remorso cruel assim te oprime
E te curva a cerviz?
O que nas dobras do vestido ocultas?
É um roubo talvez que aí sepultas?
É seu filho... Infeliz!...

Ser mãe é um crime, ter um filho – roubo!
Amá-lo uma loucura! Alma de lodo,
Para ti – não há luz.

Tens a noite no corpo, a noite na alma,
Pedra que a humanidade pisa calma,
– Cristo que verga à cruz!

Na hipérbole do ousado cataclisma
Um dia Deus morreu... fuzila um prisma
Do Calvário ao Tabor!
Viu-se então de Palmira os pétreos ossos,
De Babel o cadáver de destroços
Mais lívidos de horror.

Era o relampejar da liberdade
Nas nuvens do chorar da humanidade,
Ou sarça do Sinai,
– Relâmpagos que ferem de desmaios...
Revoluções, vós deles sois os raios,
Escravos, esperai!...

.....

Leitor, se não tens desprezo
De vir descer às senzalas,
Trocar tapetes e salas
Por um alcouce cruel,
Que o teu vestido bordado
Vem comigo, mas... cuidado...
Não fique no chão manchado,
No chão do imundo bordel.

Não venhas tu que achas triste
Às vezes a própria festa.
Tu, grande, que nunca ouviste
Senão gemidos da orquestra
Por que despertar tu'alma,

Em sedas adormecida,
Esta excrescência da vida
Que ocultas com tanto esmero?

E o coração - tredo lodo,
Fezes d'ânfora doirada
Negra serpe, que enraivada,
Morde a cauda, morde o dorso
E sangra às vezes piedade,
E sangra às vezes remorso?...

Não venham esses que negam
A esmola ao leproso, ao pobre.
A luva branca do nobre
Oh! senhores, não mancheis...
Os pés lá pisam em lama,
Porém as fronteiras são puras
Mas vós nas faces impuras
Tendes lodo, e pus nos pés.

Porém vós, que no lixo do oceano
A pérola de luz ides buscar,
Mergulhadores deste pego insano
Da sociedade, deste tredo mar.
Vinde ver como rasgam-se as entranhas
De uma raça de novos Prometeus,
Ai! vamos ver guilhotinadas almas
Da senzala nos vivos mausoléus.

– Escrava, dá-me teu filho!
Senhores, ide-lo ver:
É forte, de uma raça bem provada,
Havemos tudo fazer.

Assim dizia o fazendeiro, rindo,
E agitava o chicote...
A mãe que ouvia
Imóvel, pasma, doida, sem razão!

À Virgem Santa pedia
Com prantos por oração;
E os olhos no ar erguia
Que a voz não podia, não.

– Dá-me teu filho! repetiu fremente
o senhor, de sobr'olho carregado.
– Impossível!...
– Que dizes, miserável?!
– Perdão, senhor! perdão! meu filho dorme...
Inda há pouco o embalei, pobre inocente,
Que nem sequer presente
Que ides...
– Sim, que o vou vender!
– Vender?! . . . Vender meu filho?!

Senhor, por piedade, não
Vós sois bom... antes do peito
Me arranqueis o coração!
Por piedade, matai-me! Oh! É impossível
Que me roubem da vida o único bem!
Apenas sabe rir é tão pequeno!
Inda não sabe me chamar?
Também Senhor, vós tendes filhos... quem não tem?

Se alguém quisesse os vender
Havíeis muito chorar
Havíeis muito gemer,
Diríeis a rir – Perdão?!

Deixai meu filho... arrancai-me
Antes a alma e o coração!

– Cala-te miserável! Meus senhores,
O escravo podeis ver...
E a mãe em pranto aos pés dos mercadores
Atirou-se a gemer.
– Senhores! basta a desgraça
De não ter pátria nem lar,
De ter honra e ser vendida
De ter alma e nunca amar!

Deixai à noite que chora
Que espere ao menos a aurora,
Ao ramo seco uma flor;
Deixai o pássaro ao ninho,
Deixai à mãe o filhinho,
Deixai à desgraça o amor.

Meu filho é-me a sombra amiga
Neste deserto cruel!...
Flor de inocência e candura.
Favo de amor e de mel!

Seu riso é minha alvorada,
Sua lágrima doirada
Minha estrela, minha luz!
É da vida o único brilho
Meu filho! é mais... é meu filho
Deixai-mo em nome da Cruz!...

Porém nada comove homens de pedra,
Sepulcros onde é morto o coração.
A criança do berço ei-los arrancam

Que os bracinhos estende e chora em vão!

Mudou-se a cena. Já vistes
Bramir na mata o jaguar,
E no furor desmedido
Saltar, raivando atrevido.
O ramo, o tronco estalar,
Morder os cães que o morderam...
De vítima feita algoz,
Em sangue e horror envolvido
Terrível, bravo, feroz?

Assim a escrava da criança ao grito
Destemida saltou,
E a turba dos senhores aterrada
Ante ela recuou.

– Nem mais um passo, cobardes!
Nem mais um passo! ladrões!
Se os outros roubam as bolsas,
Vós roubais os corações!...

Entram três negros possantes,
Brilham punhais traiçoeiros...
Rolam por terra os primeiros
Da morte nas contorções.

Um momento depois a cavalgada
Levava a trote largo pela estrada
A criança a chorar.
Na fazenda o azorrague então se ouvia
E aos golpes – uma doida respondia
Com frio gargalhar!...

Vozes d'África

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
 Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
 Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia
 – Infinito: galé!...
Por abutre – me deste o sol candente,
E a terra de Suez – foi a corrente
 Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do Beduíno
Sob a vergasta tomba rressupino
 E morre no areal.

Minha garupa sangra, a dor poreja,
Quando o chicote do simoun dardeja
 O teu braço eternal.

Minhas irmãs são belas, são ditosas...
Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
 Dos haréns do Sultão.

Ou no dorso dos brancos elefantes
Embala-se coberta de brilhantes
 Nas plagas do Hindustão.

Por tenda tem os cimos do Himalaia...
Ganges amoroso beija a praia
 Coberta de corais...
A brisa de Misora o céu inflama;

E ela dorme nos templos do Deus Brama,
– Pagodes colossais...

A Europa é sempre Europa, a gloriosa!...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e cortesã.
Artista – corta o mármore de Carrara;
Poetisa – tange os hinos de Ferrara,
No glorioso afã!...

Sempre a láurea lhe cabe no litígio...
Ora uma c'roa, ora o barrete frígio
Enflora-lhe a cerviz.
Universo após ela – doudo amante
Segue cativo o passo delirante
Da grande meretriz.

.....

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marcho em vão!
Se choro... bebe o pranto a areia ardente;
talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente!
Não descubras no chão...

E nem tenho uma sombra de floresta...
Para cobrir-me nem um templo resta
No solo abrasador...
Quando subo às Pirâmides do Egito
Embalde aos quatro céus chorando grito:
“Abriga-me, Senhor!...”

Como o profeta em cinza a fronte envolve,
Velo a cabeça no areal que volve
 O siroco feroz...
Quando eu passo no Saara amortalhada...
Ai! dizem: "Lá vai África embuçada
 No seu branco albornoz...

Nem vêem que o deserto é meu sudário,
Que o silêncio campeia solitário
 Por sobre o peito meu.
Lá no solo onde o cardo apenas medra
Boceja a Esfinge colossal de pedra
 Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas
 O horizonte sem fim...
Onde branqueia a caravana errante,
E o camelo monótono, arquejante
 Que desce de Efrain

.....

Não basta inda de dor, ó Deus terrível?!
É, pois, teu peito eterno, inexaurível
 De vingança e rancor?...
E que é que fiz, Senhor? que torvo crime
Eu cometi jamais que assim me oprime
 Teu gládio vingador?!

.....

Foi depois do dilúvio... um viadante,

Negro, sombrio, pálido, arquejante,
Descia do Arará...
E eu disse ao peregrino fulminado:
“Cam!... serás meu esposo bem-amado...
– Serei tua Eloá...”

Desde este dia o vento da desgraça
Por meus cabelos ululando passa
O anátema cruel.
As tribos erram do areal nas vagas,
E o nômade faminto corta as plagas
No rápido corcel.

Vi a ciência desertar do Egito...
Vi meu povo seguir – Judeu maldito
– Trilho de perdição.
Depois vi minha prole desgraçada
Pelas garras d'Europa – arrebatada
– Amestrado falcão!...

Cristo! embalde morreste sobre um monte
Teu sangue não lavou de minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos – alimária do universo,
Eu – pasto universal...

Hoje em meu sangue a América se nutre
Condor que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão,
Ela juntou-se às mais... irmã traidora
Qual de José os vis irmãos outrora
Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
 Perdão p'ra os crimes meus!
Há dois mil anos eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito,
 Meu Deus! Senhor, meu Deus!!...

Opuffume do Oriente
-Quando rezas innocente-
Le embala nos labios Teus.
Emo teu seio, se treme,
Teus a Poesia, se geme,
Teus a harmonia Dos Ceos.

Quem ve o Paraizo?
Descerra os labios... Um riso
Vem nos o Eden mostrar...
Canta!... E aos hymnos sagrados
Vindos no les Debruçados
Os astros pra Te escutar.
Marco ant. b.

III. 3 — Sem obra de referência¹⁵

Os poemas escolhidos neste capítulo originalmente foram publicados em folhetos, declamados nas festas literárias do Gymnasio Bahiano e em sessões cívicas na mocidade de Castro Alves. Mais tarde, foram compilados nas obras completas do autor. Mostram a força poética do adolescente, que desde cedo já tinha forte preocupação com as questões políticas e sociais do seu povo.

¹⁵ Comentário dos organizadores.

Ao dia sete de setembro¹⁶

Mancebos, que sois a esperança
Do majestoso Brasil;
Mancebos, que inda tão tenros
Sabeis de louro gentil
Adornar o pátrio dia,
Nosso dia senhoril!

Eis que assomou sobre os montes
Além, sobre a antiga serra,
Entre mil nuvens de rosa,
O dia de nossa terra;
Aquele que para a Pátria
Milhões de glórias encerra.

Foi hoje que o Lusitano,
Que o filho de além do mar,
Despertou com forte brado
A Pátria que era a sonhar,
Que nem sequer escutava
A liberdade a expirar.

E o brado: – “Livres ou mortos”
Lá nos bosques retumbou;
E mais contente o Ipiranga
As suas águas rolou;
E o eco d’alta montanha
Todo o Brasil ecoou.
E as montanhas lá do Sul,
E as montanhas lá do Norte,
Repetiram em seus cumes:

¹⁶ Bahia, Ginásio Baiano, 7 de setembro de 1861.

Sempre ser livres ou morte...
E lá na luta renhida
Cada qual luta mais forte.

Sim, nos combates que, ousados,
Travaram cem contra mil,
O mancebo que nascera
Sob este azul céu de anil,
Forte como um Bonaparte,
Batia o forte fuzil.

E cada qual no combate
Ao ribombar do canhão
Queria à custa da vida
Dar à Pátria salvação,
Vingar a terra natal
D'aviltante servidão.

Eia, pois, flores da Pátria,
Esp'rançosa mocidade!
Que os Andradas e os Machados
Do alto da Eternidade
Contentes vos abençoam
No dia da Liberdade.

Aos estudantes voluntários¹⁷

O céu é alma... O relâmpago
É uma ideia de luz,
Que pelo crânio do espaço
Perpassa, brilha e reluz...
Depois o trovão – é o verbo.
Segue-o o raio – gládio acerbo,
Que se desdobra soberbo
Pelos paramos azuis.

Ação e ideia – são gêmeos.
Quem as poderá apartar?...
O fato – é a vaga agitada
Do pensamento – que é o mar...
Cisma o oceano curvado,
Mas da procela vibrado,
Solta as crinas indomado,
Parece o espaço escalar.

Assim sois vós!... Nem se pense
Que o livro enfraquece a mão.
Troca-se a pena com o sabre,
Ontem – Numa... Hoje - Catão...
É o mesmo... Se a pena é espada
Por mão de Homero vibrada,
Com o gládio – epopeia ousada
Traça os mundos – Napoleão...

Que importa os raios trovejem
Nas florestas do existir.
Parti, pois! Homens do livro!
Podeis ousados partir!

¹⁷ Poesia recitada no Teatro de Santa Isabel na noite do oferecimento da Academia.

Pois sereis..., vindo com glória,
Ou morrendo na vitória,...
Homens do livro da História
Dessa Bíblia do porvir!

A Senzala

Quando o vento da Fé soprava Europa,
Como o tufão, que impele ao ar a tropa
Das águias, que pousavam no alcantil;
Do zimbório de Roma – a ventania
O bando dos Apost’los sacudia
Aos cerros do Brasil.

Tempos idos! Extintos luzimentos!
O pó da catequese aos quatro ventos
Revoava nos céus...
Floria após na Índia, ou na Tartária,
No Mississipi, no Peru, na Arábia
Uma palmeira – Deus! –

O navio maltês, do Lácio a vela,
A lusa nau, as quinas de Castela,
Do Holandês a galé
Levava sem saber ao mundo inteiro
Os vândalos sublimes do cordeiro,
Os átilas da fé.

Onde ia aquela nau? Ao Oriente.
A outra? Ao pólo. A outra? Ao ocidente.
Outra? Ao norte. Outra? Ao sul.
E o que buscava? A foca além no pólo;
O âmbar, o cravo no indiano solo
Mulheres em ‘Stambul.

Grandes homens! Apóstolos heroicos!...
Eles diziam mais do que os estoicos:
“Dor, – tu és um prazer!

“Grelha, és um leito! Brasa, és uma gema!
Cravo, és um cetro! Chama, um diadema
Ó morte, és o viver!”

Outras vezes no eterno itinerário
O sol, que vira um dia no Calvário
Do Cristo a santa cruz,
Enfiava de vir achar nos Andes
A mesma cruz, abrindo os braços grandes
Aos índios rubros, nus.

Eram eles que o verbo do Messias
Pregavam desde o vale às serranias,
Do polo ao Equador...
E o Niágara ia contar aos mares...
E o Chimborazo arremessava aos ares
O nome do Senhor!...

Sangue africano

Aqui sombrio, fero, delirante
Lucas ergueu-se como o tigre bravo...
Era a estátua terrível da vingança...
O selvagem surgiu... sumiu-se o escravo.

Crispado o braço, no punhal segura!
Do olhar sangrentos raios lhe ressaltam,
Qual das janelas de um palácio em chamas
As labaredas, irrompendo, saltam.

Com o gesto bravo, sacudido, fero,
A destra ameaçando a imensidade...
Era um bronze de Aquiles furioso
Concentrando no punho a tempestade!

No peito arcado o coração sacode
O sangue, que da raça não desmente,
Sangue queimado pelo sol da Líbia,
Que ora referve no Equador ardente.

O povo ao poder

Quando nas praças s'eleva
Do Povo a sublime voz...
Um raio ilumina a treva
O Cristo assombra o algoz...
Que o gigante da calçada
De pé sobre a barrica
Desgrenhado, enorme, nu
Em Roma é catão ou Mário,
É Jesus sobre o Cálvario,
É Garibaldi ou Kosshut.

A praça! A praça é do povo
Como o céu é do condor
É o antro onde a liberdade
Cria águias em seu calor!
Senhor!... pois quereis a praça?
Desgraçada a populaça
Só tem a rua seu...
Ninguém vos rouba os castelos
Tendes palácios tão belos...
Deixai a terra ao Anteu.

Na tortura, na fogueira...
Nas tocas da inquisição
Chiava o ferro na carne
Porém gritava a aflição.
Pois bem...nest'hora poluta
Nós bebemos a cicuta
Sufocados no estertor;
Deixai-nos soltar um grito
Que topando no infinito

Talvez desperte o Senhor.

A palavra! Vós roubais-la
Aos lábios da multidão
Dizeis, senhores, à lava
Que não rompa do vulcão.
Mas qu'infâmia! Ai, velha Roma,
Ai cidade de Vendoma,
Ai mundos de cem heróis,
Dizei, cidades de pedra,
Onde a liberdade medra
Do porvir aos arrebois.

Dizei, quando a voz dos Gracos
Tapou a destra da lei?
Onde a toga tribunícia
Foi calcada aos pés do rei?
Fala, soberba Inglaterra,
Do sul ao teu pobre irmão;
Dos teus tribunos que é feito?
Tu guarda-os no largo peito
Não no lodo da prisão.
No entanto em sombras tremendas
Descansa extinta a nação
Fria e trefa como o morto.
E vós, que sentis-lhes os pulso
Apenas tremer convulso
Nas extremas contorções...
Não deixais que o filho louco
Grite “oh! Mãe, descansa um pouco
Sobre os nossos corações”.

Mas embalde... Que o direito
Não é pasto de punhal.

¹⁸ Recife, 1866.

Nem a patas de cavalos
Se faz um crime legal...
Ah! Não há muitos setembros,
Da plebe doem os membros
No chicote do poder,
E o momento é malfadado
Quando o povo ensanguentado
Diz: já não posso sofrer.

Pois bem! Nós que caminhamos
Do futuro para a luz,
Nós que o Calvário escalamos
Levando nos ombros a cruz,
Que do presente no escuro
Só temos fé no futuro,
Como alvorada do bem,
Como Laocoonte esmagado
Morreremos coroados
Erguendo os olhos além.

Irmão da terra da América,
Filhos do solo da cruz,
Erguei as fronteiras altivas,
Bebei torrentes de luz...
Ai! Soberba população,
Dos nossos velhos Catões,
Lançai um protesto, ó povo,
Protesto que o mundo novo
Manda aos troncos e às nações

¹⁹ Poesia recitada no Rio de Janeiro - Rio, março de 1868.

A Eugênia Câmara¹⁸

Ainda uma vez tu brilhas sobre o palco,
Ainda uma vez eu venho te saudar..
Também o povo vem rolando aplausos
Às tuas plantas mil troféus lançar...

Após a noite, que passou sombria,
A estrela-d'alva pelo céu rasgou..
Errante estrela, se lutaste um dia,
Vê como o povo o teu sofrer pagou...

Lutar!... que importa, se afinal venceste?
Chorar!... que importa, se lutaste um dia,
A tempestade se não rompe a estátua
Lava-lhe os pés e a triunfal cerviz.

Ouves o aplauso deste povo imenso
Lava, que irrompe do pop'lar vulcão?
É o bronze rubro, que ao fundir dos bustos
Referve ardente do porvir na mão.
O povo... o povo... é um juiz severo,
Maldiz as trevas, abençoa a luz..
Sentiu teu gênio e rebramiu soberbo:
– P'ra ti altares, não do poste a cruz.

Que queres? Ouve! – são mil palmas férvidas,
Olha! – é o delírio, que prorrompe audaz.
Pisa! – são flores, que tu tens às plantas,
Toca na fronte – coroadas estás.

Descansa pois, como o condor nos Andes,
Pairando altivo sobre a terra e mar,
Pousa nas nuvens p'ra arrogante em breve
Distante... longe... mais além de voar.

Pesadelo de Humaitá¹⁹

I

Ao som dos rinchês dos cavalos bravos,
Que soltos passam nos sertões remotos,
Ao murmúrio triste do cativo rio
Que solta gritos sepulcrais, ignotos;
Acorda um dia Humaitá sentindo
Que a morte vibra-lhe o pesado arnez.
Treme-lhe o manto dos gerais extensos,
E o vil tirano se lhe agarra aos pés.

II

“Quem é que acorda a cidadela enorme
Que a testa cinge de fatais ameias?”
Brada arrogante do deserto a esposa,
Sentindo o sangue lhe correr nas veias.
“Dizei, condores, que voais do norte!
Dizei, ó ventos, que do céu rompeis!
Porque é que a brisa em meu broquel soluça
E o vil tirano se me agarra aos pés?”

III

“Silêncio! Escuta! lhe responde trêmulo.
Silêncio! diz-lhe do deserto a voz.
Silêncio! É ele... – o Brasileiro Atlante,
De um grande povo a legião feroz.
Desceu dos Andes... da Bahia altiva
Do Guanabara – esta mansão de reis
Treme, ó cidade!... Se o Brasil caminha
O vil tirano se lhe agarra aos pés...”

IV

Como o viajante da legenda Hebraica,
Na terra imprime o gigantesco passo,
D’Atila monta no ginete fero...
São-lhe as batalhas do caminho o traço.
Se pisa o Prata – Riachuelo brilha,
Se estende o braço – Uruguaiana fez.
Oh! vibre o pulso o derradeiro golpe,
E o vil tirano se lhe agarra aos pés”.

V

Eis já no fumo os batalhões s’entestam,
Solto o estandarte no combate novo...
Trincheiras; fortes, baluartes quebram-se,
Ao férreo embate de um potente povo,
É um raio – a esquadra... As legiões retumbam,
Ruge a refrega com seus mil tropéis...
... Bravo!... Vitória!... Viva o povo imenso,
O vil tirano há de beijar-lhe os pés!

VI

Fere estes ares, estandarte invicto!
Povo, abre o peito para nova vida!
Talvez agora o pavilhão da pátria
Açoite altivo Humaitá rendida.
Sim! pela campa dos soldados mortos;
Sim! pelo trono dos heróis, dos reis;
Sim! pelo berço dos futuros bravos,
O vil tirano há de beijar-lhe os pés.

A cachoeira

Mas súbito da noite no arrepio
Um mugido soturno rompe as trevas...
Titubantes – no álveo do rio –
Tremem as lapas dos titãs coevas!...
Que grito é este sepulcral, bravio,
Que espanta as sombras ululantes, sevas?
É o brado atroador da catadupa
Do penhasco batendo na garupa!...

Quando no lodo fértil das paragens
Onde o Paraguaçu rola profundo,
O vermelho novilho nas pastagens
Come os caniços do torrão fecundo;
Inquieto ele aspira nas bafagens
Da negra sucruíúba o cheiro imundo...
Mas já tarde... silvando o monstro voa...
E o novilho preado os ares troa!

Então doido de dor, sânie babando,
Co'a serpente no dorso parte o touro...
Aos bramidos os vales vão clamando,
Fogem as aves em sentido choro...
Mas súbito ela às águas o arrastando
Contraí-se para o negro sorvedouro...
E enrolando-lhe o corpo quente, exangue,
Quebra-o nas roscas, donde jorra o sangue.

Assim dir-se-ia que a caudal gigante
– Larga sucruíúba do infinito –
Co'as escamas das ondas coruscante

Ferrara o negro touro de granito!...
Hórrido, insano, triste, lacerante
Sobe do abismo um pavoroso grito...
E medonha a suar a rocha brava
As pontas negras na serpente crava!...

Dilacerado o rio espadanando
Chama as águas da extrema do deserto...
Atropela-se, empina, espuma o bando...
E em massa rui no precipício aberto...
Das grutas nas cavernas estourando
O coro dos trovões travam concerto...
E ao vê-lo as águias tontas, eriçadas
Caem de horror no abismo estateladas...

A cachoeira! Paulo Afonso! O abismo!
A briga colossal dos elementos!
As garras do Centauro em paroxismo
Raspando os flancos dos parcéis sangrentos.
Relutantes na dor do cataclismo
Os braços do gigante suarentos
Aguentando a ranger (espanto! assombro!)
O rio inteiro, que lhe cai do ombro.

Grupo enorme do fero Laocoonte
Viva a Grécia acolá e a luta estranha!...
Do sacerdote o punho e a roxa fronte...
E as serpentes de Tênedos em sanha!...
Por hidra – um rio! Por águire – um monte!
Por aras de Minerva – uma montanha!
E em torno ao pedestal laçados, tredos,
Como filhos – chorando-lhe – os penedos!!!...

No meeting du comité du pain²⁰

Já que a terra estacou n'orbita imensa,
Já que tudo mentiu – a gloria! a crença!
A liberdade! a cruz!
E o Sisipho dos sec'los – assombrado –
Viu rolar-lhe do dorso ensanguentado
O rochedo de luz...
Já que o amor transmudou-se em ódio acerbo,
Que a eloquência – é o canhão, a bala – o verbo,
O ideal – o horror!
E nos fastos do século, os tiranos
Traçam co'a ferradura dos hulanos
O ciclo do terror,

Já que, igual ao florete de Genaro,
Um sabre arranca do presente ignaro
Este letreiro – Luz –.
Já que a Gloria recua - (cousa horrenda),
E Atila vai de Washington na senda,
E Siva após Jesus!

Já que a Rousseau sucede Machiavelo,
Já que a Europa de altar fez-se escabelo,
Da guerra meretriz,
Já que o sonho de Caning era falso,
Já que após abolir-se o cadafalso,
Crucificam Paris.

Já que é mentira a voz da Humanidade,
Já que riscam da Bíblia a Caridade,
E d'alma o coração...

²⁰ 9 de Fevereiro de 1871.

E a noite da descrença desce feia
E, tropeçando em ossos, cambaleia
Dos povos a razão!...

.....

Filhos do Novo Mundo! ergamos nós um grito
Que abafe dos canhões o horrisono rugir,
Em frente do oceano! em frente do infinito
Em nome do progresso! em nome do porvir.

Não deixemos, Hebreus, que a destra dos tiranos
Manche a arca ideal das nossas ilusões.
A herança de suor, vertido em dois mil anos,
Há de intacta chegar às novas gerações!

Nós que somos a roça eleita do futuro,
O filho que o Senhor amou, qual Benjamin,
Que faremos de nós... se é tudo falso, impuro,
Se é mentira – o Progresso! e o Erro não tem fim?

Não; clamemos bem alto à Europa, ao globo inteiro!
Gritemos liberdade em face da opressão!
Ao tirano dizei: Tu és um carniceiro!
És o crime de bronze! – escreva-se ao canhão!

Falemos de Justiça – em frente à Mortandade!
Falemos do Direito – ao gládio que reluz!
Se eles dizem – Rancor, dizei – Fraternidade!
Se erguem a Meia-luz, ergamos nós a Cruz!

Digamos à Criança: – O Mestre ama esta idade!
Digamos à Velhice: – honra às vossas cans!

Digamos à Miséria, à Fome e à Orfandade:
É vosso o nosso lar... vós sois nossas irmãs.

Digamos a Strasburgo “Mereces do Universo!”
Digamos... Não! Silêncio em frente de Paris...
O Amazonas que leve o nosso pranto imerso
À glória das Vestais! à herdeira das Judiths.

.....

Ó França! deste a luz que de teu ser jorrava!
Ó França! acolhe agora em recompensa... o pão.
O Cristo no deserto os pães multiplicava,
Faça agora o milagre, ó França, o coração!

E, se acaso alta noite, em noite de internada,
Enquanto no horizonte a chama lambe o ar,
Uma débil criança, esquelética e gelada,
Por ti, Pátria, encontrar abrigo, pão e lar...

Quando aquele inocente a sós no campo escuro,
Abençoar de longe os brasileiros céus...
Sabe que este menino – é o símbolo do futuro!
E aquela frágil mão... oculta a mão de Deus!...

Fins a noite nas madeiras
Onde a briga em terras quicijas
Jeme... mome de languor.
São m. que os astros-brilhantes
Os teus olhos fascinantes,
-Lindas estrophes de amor...

E ainda pedes-me um canto?!
Quebra a lyra o Bardo saruto
Ao ver um sorriso teu...
Plasga a Tello Raphael.
Phedias citala o cingel.
Deus. treme de amor me (..)

Antonio Augusto Alves

Bibliografia

ALMEIDA, Norlandio Meireles. Cronologia de Castro Alves. Guarulhos: Editora D. Pedro II, 1960.

ALVES, Antônio de Castro. Castro Alves: poesias escolhidas. Edição comemorativa do centenário do nascimento do poeta, seleção, prefácio e notas de Homero Pires. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.

ALVES, Antônio de Castro. Correspondência e crítica. Rio de Janeiro: H. Antunes e C., 1920.

ALVES, Antônio de Castro. Espumas flutuantes e Os Escravos. Introdução, organização e fixação de texto por Luiz Dantas e Pablo Simpson. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.

ALVES, Antônio de Castro. Espumas flutuantes. Edição fac-similar de centenário (1870-1970). Salvador: Edições GRD / Instituto Nacional do Livro, 1970.

ALVES, Antônio de Castro. Obra completa. Organização, fixação do texto, cronologia, notas e estudo crítico por Eugênio Gomes, inclui "Vida efêmera e ardente de Castro Alves" por Afrânio Peixoto e "Diálogo epistolar" entre José de Alencar e Machado de Assis. Rio de Janeiro: Editora José de Aguiar Ltda., 1960.

ALVES, Antônio de Castro. Obras completas de Castro Alves. Organização, introdução e notas por Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1921. 1ª edição.

ALVES, Antônio de Castro. Poemas de amor. Introdução, seleção e notas de Jamil Almansur Haddad. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular S. A., 1963.

ALVES, Antônio de Castro. Poesias completas. Texto organizado por Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

ALVES, Antônio de Castro. "A Cachoeira de Paulo-Afonso: poema original brasileiro." In: Canto da esperança, poesia social, libertária e lírica. Seleção, introdução e notas de Hildon Rocha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

ALVES, Castro. "Gonzaga ou A Revolução de Minas". In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1944.

AMADO, Jorge. ABC de Castro Alves: louvações. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1941.

AMADO, Jorge. A B C de Castro Alves. São Paulo: Martins, 1967.

AZEVEDO, Vicente de Paulo Vicente de. O Poeta da liberdade. São Paulo: Clube do Livro, 1971.

BARBOSA, Rui. Decenário de Castro Alves. Elogio do poeta pelo Dr. Rui Barbosa, seguido de um escrito do mesmo autor pelos escravos às mães de família, Mandado imprimir pela comissão do decenário. Bahia: Tipografia do "Diário da Bahia", 1881.

BARROS, Frederico Pessoa de. Poesia e vida de Castro Alves. São Paulo: Editora das Américas, 1962.

BOAVENTURA, Edivaldo. Estudos sobre Castro Alves. Salvador Edfba, Egba, 1996.

BOSI, Alfredo. "Sob o signo de Cam" in Dialética da colonização, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BUENO, Alexei. "Herdeiro do entusiasmo". In Caderno Mais, Folha de São Paulo, 16 de Março de 1997.

CALMON, Pedro. A Vida de Castro Alves. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1961.

CALMON, Pedro. Castro Alves: o homem e a obra. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1973.

CAMPOS, Mário Mendes. Castro Alves: glória e via-sacra do gênio, Belo Horizonte, s/e, 1973.

CANDIDO, Antonio. "Poesia e oratória em Castro Alves". In.: Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2006.

CANDIDO, Antonio. "Navio Negreiro". In Recortes. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARNEIRO, Altamirando. Castro Alves e o espiritismo. São Paulo: Edições Feesp, 1993.

CARNEIRO, Edison. Castro Alves: uma interpretação política. Rio de Janeiro: Andes, 1958. Segunda edição revista.

CARVALHO, João de. O Cantor dos escravos: Castro Alves. Brasília: Instituto Nacional do Livro, T. A. Queiroz, 1989.

CORREIA, Jonas de Moraes. Sentido heróico da poesia de Castro Alves. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1971.

COSTA, Othon. Reflexos culturais e sociais de Castro Alves. Rio de Janeiro: GB, 1973.

CUNHA, Euclides da. Castro Alves e seu tempo. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907.

DANTAS, Mercedes. O Nacionalismo de Castro Alves. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1941.

FARIA, João Roberto. "O Romantismo Social de Castro Alves". In: . Idéias teatrais. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FELINTO, Marilene. "O eterno ABC de Castro Alves", in Caderno Mais, Folha de São Paulo, 16 de Março de 1997.

FERREIRA, H. Lopes Rodrigues. Castro Alves. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, s/d.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lana. "Rondó de Castro Alves em autores modernistas", in Scripta literatura, revista do programa de pós-graduação em Letras e do Cespuc, Puc-Minas. Belo Horizonte, vol. 1, n. 2, 1o semestre de 1998.

GOMES, Eugênio. "Castro Alves e o sertão" e "As imagens do movimento em Castro Alves" in Prata da casa: ensaios de literatura brasileira. Rio de Janeiro: Editora A Noite, s/d.

GOMES, Eugênio. Castro Alves: poesia. Rio de Janeiro: Agir, 1972. 4a edição.

GONÇALVES, Virgínia Maria. "Castro Alves, África literária e discurso libertário", in Signum: estudos literários, revista do curso de mestrado em Letras, Centro de Letras e Ciências Humanas. Londrina, n. 1, 1998.

GUARNIERI, Gianfrancesco. Castro Alves pede passagem. São Paulo: Palco+Platéia, 1971.

GUIMARÃES, João. Castro Alves. São Paulo: Melhoramentos, s/d.

HADDAD, Jamil Almansur. "A erótica de Castro Alves" in Alves, Castro. Poemas de Amor. Introdução, seleção e notas de Jamil Almansur Haddad. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, S. A., 1963.

HADDAD, Jamil Almansur. Revisão de Castro Alves. São Paulo: Editora Saraiva, 1953.

HANSEN, João Adolfo. "Castro Alves e o borbulhar do gênio", in "Caderno de Sábado", Jornal da Tarde, São Paulo, 8 de Março de 1997.

HIL, Telênia. Castro Alves e poema lírico. Brasília: Editora Tempo Brasileiro, INL, 1978.

HORCH, Hans Jürgen. Bibliografia de Castro Alves. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.

IVO, Lêdo. "Travessia de Castro Alves", in A República da desilusão (ensaios). Rio de Janeiro, Tooks, 1994.

IVO, Lêdo. Prefácio para Os Melhores poemas de Castro Alves, São Paulo: Global Editora, 1983.

JACQUES, Paulino. "A estética de Castro Alves", separata da Revista da Academia Carioca de Letras. 3 junho de 1977.

LAJOLO, Marisa e CAMPEDELI, Samira. Castro Alves: literatura comentada. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

LIMA, Alceu Amoroso. "O maior poeta", in Estudos literários, Edição organizada por Afrânio Coutinho com assistência do autor. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1966.

MACHADO, Germano. A Filosofia na poética Castroalvina. Salvador: Editora Cepa, s/d.

MAGALDI, Sábato. "Incursão de poetas". In: Panorama do teatro brasileiro. São Paulo: Global, 1997.

MASCARENHAS, Maria da Graça (coord.). Castro Alves. Rio de Janeiro/ Brasília, D.F.: Odebrecht, Fundação Banco do Brasil, 1997.

MATOS, Edilene. "Castro Alves: A sedução da voz, o verso", in Jornal A Tarde, 15 de Março de 1997.

MATOS, Edilene. "Bilhete em papel rosa: ao meu amado secreto, Castro Alves". In Scripta literatura, revista do programa de pós-graduação em Letras e do Cespuc, Puc-Minas. Belo Horizonte: vol. 1, n. 2, 1o semestre de 1998.

MATTOS, Waldemar de. Bahia de Castro Alves. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A., 1948. 2a edição.

NABUCO, Joaquim. Castro Alves: artigos publicados na Reforma. Rio de Janeiro: Tip. da Reforma, 1873.

NETTO, Adriano Bitmães. "Castro Alves e a construção do 'Quinto império brasileiro': República imaginária, Nação literária". In Scripta literatura, revista do programa de pós-graduação em Letras e do Cespuc, Puc-Minas. Belo Horizonte: vol. 1, n. 2, 1o semestre de 1998.

NUNES, Cassiano. Castro Alves ante a poesia do nosso tempo. Brasília: Thesaurus, 1985.

PÁDUA, Antônio de. Aspectos estilísticos da poesia de Castro Alves. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1972.

PEIXOTO, Afrânio (Org.). Castro Alves: o poeta e o poema. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1942.

PEIXOTO, Afrânio. Castro Alves: o poeta e o poema. Paris: Ailand & Bertrand, 1922.

PIRES, Homero. Prefácio de Castro Alves: poesias escolhidas. Edição comemorativa do centenário de nascimento do poeta. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.

PRADO, Décio de Almeida. "O drama histórico nacional: Agrário de Menezes, José de Alencar, Paulo Eiró, Castro Alves". In: O drama romântico brasileiro. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PRINA, Carlo. Castro Alves, as mulheres e a música. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1960.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. "O cantador Castro Alves". In: Augusto dos Anjos e outros ensaios. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1959.

RIBEIRO, Luís do Prado. Tríptico de Castro Alves, amor, lirismo, liberdade. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1952.

RIBEIRO, Oliveira Neto. Prefácio da edição de Os Escravos de Castro Alves. Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, s/d.

ROMERO, Sílvio. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1955. Tomo 4. 5ª edição.

SCHLAFMAN, Léo. “Romântico e libertário”. In Caderno Idéias. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 7 de Março de 1997.

SCHLAFMAN, Léo. “O poeta dos oprimidos”. In Caderno Idéias. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 7 de Março de 1997.

SENA, Marta de. “A poética romântica de Castro Alves”, in Scripta literatura, revista do programa de pós-graduação em Letras e do Cespuc, Puc-Minas. Belo Horizonte: vol. 1, n. 2, 1o semestre de 1998.

SENA, Marta de. Uma Poética flutuante: ensaio sobre Castro Alves, Lidador, 1980.

SILVA, Domingos Carvalho da. A Presença do Condor: estudo sobre a caracterização do condoreirismo na poesia de Castro Alves. Brasília: Clube de poesia de Brasília, 1974.

SILVA, Joaquim Carvalho da. “Castro Alves: uma revisão histórico-literária”, in Signum: estudos literários, revista do curso de mestrado em Letras, Centro de Letras e Ciências Humanas. Londrina: n. 1, 1998.

SIMPSON, Pablo. Os sentidos da depuração na poesia de Castro Alves. Campinas: IEL - Unicamp, 2000. Dissertação de mestrado.

TAVARES JÚNIOR, Luis et ali. Castro Alves: o poeta e o tempo. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1971.

TOLMAN, Jon M. "Castro Alves, poeta amoroso". In Revista do Ieb. São Paulo: n. 17, 1975.

VEIGA, Cláudio. Prosadores e poetas na Bahia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

